

Coletânea de CONTOS, CRÔNICAS e POESIAS

AS PALAVRAS QUE VIAJAM PELO MUNDO



FLAL Show Internacional

Organização: Nell Morato

FLAL Show Internacional
14ª Edição: Palavras sem Fronteiras

CONTOS, CRÔNICAS e POESIAS
Organização: Nell Morato

As palavras que viajam pelo mundo

1ª Edição

Todos os direitos reservados.

Você não pode copiar, exibir, distribuir, executar, criar obras derivadas, nem fazer uso comercial desta obra sem a devida permissão do autor.

Copyright Nell Morato

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do Autor, proprietário do Direito Autoral.

Arte de Capa: Nanci Penna

Diagramação: Nanci Penna

Revisão de Texto: Nell Morato

Editoria:

Leia Livros Editora e Livraria

1ª Edição – 2026

E-mail para contato:

flalfestival.casadaliteratura@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P154	As Palavras que viajam pelo Mundo : coletânea de contos, crônicas e poesias – FLAL Festival de Literatura e Artes Literárias / Organizadora Nell Morato. – 1. ed. – Porto Alegre, RS: Leia Livros Editora e Livraria, 2026. 104 p. : 14 x 21 cm ISBN 978-65-88416-95-2 1. Literatura brasileira – Contos. 2. Literatura brasileira – Crônicas. 3. Literatura brasileira – Poesia. I. Morato, Nell. CDD B869.8
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

APRESENTAÇÃO

Uma alegria voltar com o Concurso de Textos Anônimos no FLAL Festival de Literatura e Artes Literárias.

Organizar as obras para a avaliação dos jurados — sem a identificação da autoria e levando em conta apenas a qualidade dos escritos — é sempre muito enriquecedor.

Divulgar os nomes dos classificados e celebrar os melhores textos foi muito bom; é um verdadeiro privilégio ser portadora de boas notícias.

E organizar a coletânea, pensando na capa, em destacar as melhores produções e coordenar o projeto para que todos tenham voz, é algo simples e, ao mesmo tempo, emocionante.

A volta em 2026 não foi tão simples quanto eu esperava. A adesão foi ínfima se comparada à dos anos anteriores, porém recebemos textos muito bem escritos — apesar de que nem todos levaram em conta o tema proposto. Ainda assim, nenhum foi vetado, justamente devido à pequena participação.

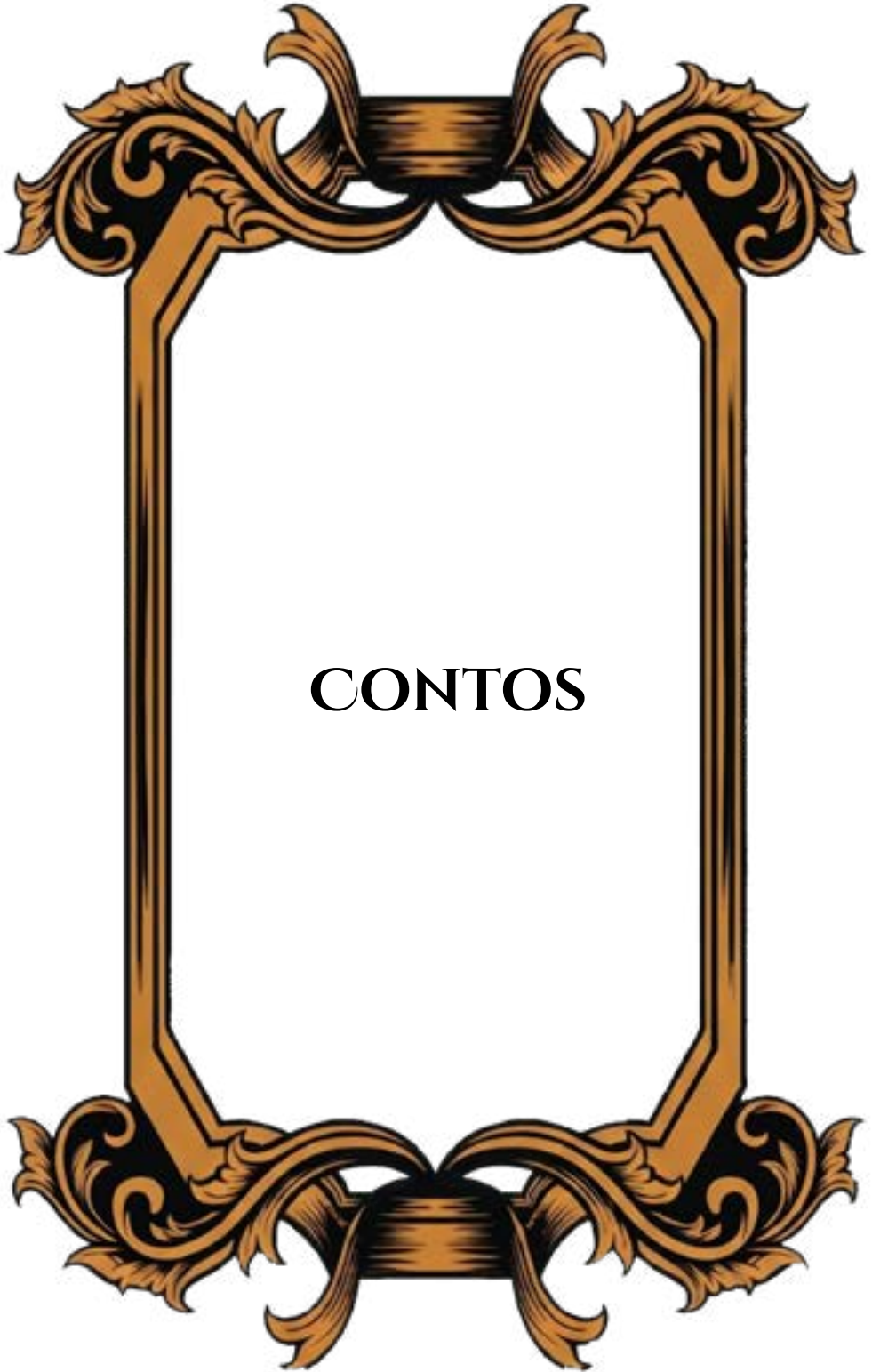
Em relação à comissão julgadora, surgiram imprevistos que me obrigaram a acionar o plano B. Uma das juradas ficou impossibilitada de participar e foi substituída por outra excelente autora. Depois, um dos jurados confirmados resolveu simplesmente sumir e me deixar sem resposta. Desapareceu das redes sociais, seu telefone não recebia ligações e ele não enviou nenhuma justificativa, nenhum aviso ou pedido de desculpas. Deu no pé, debandou...

Diante disso, precisei de uma alternativa “doméstica”, digamos assim: chamei o jornalista que vive aqui em

casa para fechar a seleção final ao lado de Vera Carvalho Assumpção e Ironi Jaeger — o meu filho, Antonio Felipe Purcino.

Parabenizo todos os participantes e agradeço imensamente o envio de seus escritos para o Concurso de Textos Anônimos da 14ª Edição do FLAL Show Internacional.





CONTOS

O Silêncio Da Praça

Autoria: Jairo Aragom
CTA/FLAL/CONTO/C011

Na tarde em que Jhonny Wellst falou na praça de Sweet Peace, a cidade ainda acreditava viver em paz. Diziam que Sweet Peace era uma cidade construída sobre a harmonia. Durante anos, seus habitantes acreditaram nisso. Havia leis, uma constituição, e a promessa de que cada homem poderia viver conforme sua fé e sua consciência.

Mas, com o tempo, algo começou a se quebrar — primeiro nas palavras, depois nas leis, e por fim no coração da própria cidade. No centro de Sweet Peace havia uma antiga praça de pedras claras, onde o povo costumava se reunir nos dias de festa e celebração. Naquela tarde, porém, ninguém imaginava que aquelas mesmas pedras testemunhariam algo que mudaria para sempre a memória da cidade.

Outrora conhecida por sua tranquilidade, Sweet Peace havia criado uma ordem baseada em um código moral que prometia liberdade de pensamento e equilíbrio entre os homens. Uma constituição fora escrita, trazendo a esperança de que a justiça e a democracia protegeriam até os mais frágeis. Para muitos, aquilo era o início de uma nova era. Mas nem todos viam nisso um bem.

Havia aqueles que, nas sombras, tramavam contra tais ideais. Para eles, a liberdade não passava de uma ameaça aos seus planos de dominação e poder absoluto. Usavam as leis em benefício próprio, distorciam os preceitos sagrados e criavam narrativas enganosas para justificar perseguições.

O que antes era considerado justo passou a ser chamado de erro. E o que sempre fora erro passou a ser exaltado como virtude.

Foi nesse ambiente de crescente opressão e medo que se ergueu a voz de um homem cansado de ver sua gente ser silenciada: Jhonny Wellst. Naquela tarde, diante de uma praça tomada pelo povo, ele subiu no patamar de pedra no centro da cidade. Seu olhar ardia como fogo contido, e sua voz carregava o peso de muitas injustiças. Então ele falou:

“Ouvi-me, povo de Sweet Peace! Até quando seremos caçados como ratos em nome de uma falsa democracia, que serve apenas aos que desejam governar sozinhos? Eles moldam a lei para que os proteja, e contra nós a mesma lei se volta. De repente, o certo foi tornado errado, e o errado elevado à condição de virtude. Nossos sonhos são tratados como estorvo; para erguer os deles querem destruir os nossos. Até quando respeitaremos leis que eles próprios não respeitam?

A constituição não foi escrita para perseguir, mas para que houvesse harmonia entre os homens — para que cada um pudesse viver conforme sua fé e sua consciência. Mas eles, ao se dizerem perseguidos, inventaram narrativas para justificar a perseguição contra nós. Silenciosos, estivemos pensando que fossem apenas tolos com suas fantasias. Enquanto calávamos, porém, eles cresciam nas sombras e tramavam a destruição de tudo o que somos.

Nenhum povo deve aceitar ser dizimado em silêncio! Ficaremos de braços cruzados enquanto apagam nossa cultura, tomam nossos filhos, voltam-se contra nós e nos lançam nas prisões e no esquecimento? Se nada fizermos, o tempo apagará até mesmo a memória de nossa existência.

Mas, se nos erguermos agora — pela justiça, pela verdade e pela liberdade que nos cabe por direito — jamais seremos extintos, e nossa voz ecoará pelas gerações.

Lutemos! Não com a tirania, mas com a coragem. Não com a mentira, mas com a verdade. Não com o ódio, mas com a justiça. Lutemos agora, antes que o sol brilhe sobre nossas cabeças apenas para testemunhar o nosso fim!”

Quando Wellst terminou de pronunciar suas últimas palavras, um silêncio pesado tomou conta da praça. O vento pareceu estancar. Até as crianças, que antes murmuravam, ficaram imóveis. Durante um instante, parecia que a própria cidade prendia a respiração. Então, como um trovão que se espalha, a multidão explodiu em aplausos e gritos de apoio. Homens batiam palmas, mulheres erguiam as mãos ao céu, jovens gritavam o nome dele. Sweet Peace parecia despertar de um longo sono.

Mas nem todos estavam ali para ouvir. Do meio da multidão, um homem encapuzado avançou com passos firmes. Em segundos, o brilho frio do aço rompeu o alvoreço. A espada atravessou o corpo de Wellst diante de todos. O povo gritou. Alguns tentaram correr; outros caíram de joelhos. Wellst tombou lentamente, os olhos ainda erguidos, como quem olha além das muralhas visíveis. Seu sangue escorreu pelas pedras claras da praça — as mesmas pedras que haviam testemunhado tantas festas da cidade. Naquele dia, porém, elas guardariam outra memória.

O silêncio voltou. Mais profundo do que antes. Mas aquele não era o silêncio da derrota. A semente de seu discurso estava lançada, regada pelo próprio sangue. E naquela tarde, na praça de Sweet Peace, todos compreenderam uma verdade: homens podem ser mortos — mas palavras, quando semeadas no coração de um povo, tornam-se eternas.



Entre o Ruído e o Olhar

Autoria: Maria Leonilda Pereira
CTA/FLAL/CONTO/C014

Há momentos que nos mostram mais do que queremos ver.

Uma pessoa rodeada de gente — e ninguém lhe fala.

Dias seguidos no mesmo café. Gente que passa. Cabeça erguida, olhos atentos... mas

ninguém a envolve no olhar.

Toque? Beijos? Escassos. Talvez por pena. Por respeito pelo que foi — ou pelo filho?

Um abandono que inquieta. Ou será autoabandono?

Fico a observá-la, em silêncio.

Um deserto onde parece já não haver esperança de oásis.

Procuro-lhe os olhos — castanhos, mas sem brilho. Olheiras fundas, marcadas pelos anos.

Que idade terá? Importa sabê-lo?

Importa o presente: roupas gastas, pouco cuidadas, mãos por tratar, sinais de um descuido que vai além do corpo.

Dizem que foi rica. Ela própria o repete, como quem se agarra ao que já não é.

Talvez tenha sido sempre assim — distante, orgulhosa, fechada.

Talvez tenha construído, sem dar conta, o seu próprio isolamento.

E agora... vive nele.

Ainda assim, custa-me o contraste: as gargalhadas à volta, o ruído, a vida em movimento — e aquela presença suspensa.

Como sair deste silêncio?

Como ajudar?

Desvio o olhar. Tento pensar noutras coisas. Mas volto.

Imagino-a em casa: televisão ligada, sofá gasto, um corpo que repousa mais do que vive. Ou talvez à janela — a ver passar a vida dos outros, como quem ainda quer pertencer.

E, de repente, percebo: não são os grandes acontecimentos que nos despertam.

São estes instantes banais — uma mesa de café, vozes cruzadas, risos dispersos — onde algo nos diz que há um desencontro.

Foi assim que me senti. Rodeada de conversas leves, dei por mim a olhar para quem menos falava. Uma mulher. Silenciosa. A memória já fragilizada — mas o olhar ainda atento.

Enquanto à volta se falava de trivialidades, ela permanecia ali. A fruir do aroma do café? Da doçura do pão de deus?

Atenta a quem chega. Presente. À espera de novidades?

Mais presente do que todos nós.

E algo em mim se inquietou.

Como é possível estarmos juntos num espaço de rotina e não nos escutarmos?

Será possível termos tempo — e gastamo-lo no acessório?

Aquele momento não era sobre café. Era sobre presença. Sobre dignidade.

Sobre o valor de estar. E, no entanto, poucos a viam. Ou talvez vissem — mas não quisessem sentir.

Aquela figura solitária, que implora sem pedir, enerva-me e provoca-me compaixão.

Ocorrem-me soluções, propostas, desafios que já ensaiei e ela rejeitou.

Vivemos numa pressa constante.

Preenchemos o vazio com ruído.

Falamos para evitar sentir.

Opinamos para não escutar.

E assim, pouco a pouco, vamos desaprendendo o essencial:

Escutar.

Estar.

Cuidar.

A maturidade traz-nos um outro olhar.

Não para julgar — mas para escolher.

Começamos a perceber que nem todas as conversas acrescentam. Que há presenças que não o são.

Quantas vezes estamos rodeados — mas profundamente sós.

E, no entanto, também somos nós os distraídos.

Os que não veem.

Os que adiam.

Os que dizem “depois”.

E o “depois” nem sempre chega.

Talvez o desafio não seja apontar o erro aos outros. Mas reconhecer em que momentos também nos afastamos do essencial. Porque a vida não se mede em palavras ditas — mas em presenças sentidas.

E naquele café, entre o ruído e o silêncio, percebi algo simples — e exigente: estar é um ato de coragem.

Amar... exige atenção.



Do Silêncio ao Barro

Autoria: Alexandra Ferreira
CTA/FLAL/CONTO/C013

Ligo o torno quando o sol se anuncia entre as copas bojudas dos pinheiros mansos que povoam o bosque. O céu cobre-se com um manto azul-claro com espessas riscas cor-de-fogo. Observo a paisagem que conheço desde que nasci. A natureza exhibe a costumeira harmonia e paz. Hoje, pela primeira vez, estou em sintonia com esta tranquilidade que me afrontou durante os últimos meses. A desconstrução de um homem que nunca existiu foi uma longa caminhada.

Conheci-o na feira de artesanato. Acompanhava a comissão organizadora. Magro, ombros largos e rosto alongado, destacava-se em qualquer multidão. Quando os nossos olhos se cruzaram, as minhas mãos pararam de moldar o barro na roda de oleiro. Olhou-me com audácia. Segundos depois, prosseguiu desinteressado. Este comportamento — desejo e desinteresse — padronizou a relação que mantivemos ao longo de quase dois anos e teve um efeito pernicioso em mim.

Bastou um mês para me instalar no apartamento requintado que contrastava com a simplicidade do meu. Sem rodeios, arrumou a minha vida numa mala e guardou-a no armário do quarto de vestir. Vestidos, sapatos, carteiras, joias impostas sem modéstia. Deixei de me reconhecer na imagem refletida no espelho. Os dias eram planeados, desconsiderando-me. Deixei de ser eu, tornando-me numa mulher sofisticada que deambulava ao seu lado. Estava apaixonada pelo homem que me despia com o olhar assim

que entrava em casa e me amava antes de chegarmos ao quarto.

Nas primeiras semanas ainda fui ao atelier. Saía depois do pequeno-almoço e regressava a tempo de me alindar para a sua chegada. Certa vez, entusiasmada com o molde de uma peça, trabalhei até a luz escassear. Não precisei de ver as horas para perceber que era tarde. Desliguei o torno, tirei o avental, lavei as mãos e fechei a porta do atelier. Sabia que esse atraso me traria problemas.

Desafiei o tempo na curta distância até casa. Estacionei ao lado do Porsche cinza-ártico. Saí nervosa do elevador e abri a porta. Aguardava-me sentado no sofá. Ouvia Mozart.

— Posso perguntar onde estive?

O tom de voz fez-me estremecer.

— Estive no atelier.

Assumi um ar ainda mais frio enquanto inspecionava as minhas mãos. Vi o barro incrustado nas unhas e corei, envergonhada. Ajoelhei-me junto aos seus pés e pedi desculpa. Afastou-me secamente. Levantou-se e, já perto da porta, informou:

— Não espere por mim. Chegarei tarde.

Suspiro resignada e vou até à cozinha. Deito água na chaleira. Olho de novo para a luxúria da vegetação. Rememoro essa madrugada: entrou no quarto e tomou-me sem cuidado. Depois, virou-se e adormeceu. Fiquei imóvel, com o corpo rígido e a respiração presa, como se ainda estivesse a acontecer, até ao raiar da aurora. Acordou muito bem-disposto. Convidou-me para almoçar. No restaurante entregou-me um ramo de rosas-chá e um fio com uma medalha da árvore da vida. Comemorámos os primeiros

seis meses. Um dos melhores momentos que partilhámos. O apito avisador da água a ferver assusta-me. Pego no bule. Coloco hortelã, erva-doce e gengibre. Tiro um iogurte do frigorífico. Preparo uma torrada. Estou inquieta. Sinto-me irritada, desapontada. Como foi possível ter-me subjugado? A fronteira entre os dois tinha-se apagado há muito. Encho uma caneca de chá. O aroma a hortelã preenche o espaço. Fecho os olhos e absorvo este odor. As mãos deslizam pelo tronco suavemente. Param no ventre, abraçam-no. Uma lágrima escorre pela face direita até aos lábios, que se abrem para a receber. Bebo um trago de chá e sinto a alma um pouco acalentada. Ingiro os alimentos sem os saborear. Vejo um par de pardais pousados no parapeito a namoriscar. Observo-os estarecida. A fêmea exibe um ar de felicidade. Entristeço-me. Também já me senti assim. Pouso a chávena na pia. O casal bate as asas e voa em círculos até desaparecer.

Sento-me de novo no banco junto ao torno. Ligo-o e contemplo o barro a girar. Moldo-o até ganhar a forma da peça que pretendo. Contemplo-a angustiada. Levanto-me e deambulo sem rumo pela cabana. Esgotada, sento-me no tapete, encostada ao sofá. Adormeço. Acordo com os raios de sol sobre o rosto. Sinto o corpo dorido e o estômago a reclamar. Ergo-me com esforço. Vou até à cozinha. Aqueço sopa, corto duas fatias de pão saloio e um tomate em gomos. Encho um copo de água e parto em quartos uma maçã Golden. Contemplo a beleza da natureza enquanto degusto o almoço no alpendre.

O casal de namorados regressa; quer partilhar a minha refeição. Divido o pão com eles. Observo a disputa pouco romântica pela comida. Esta cena transporta-me para um acontecimento na véspera do nosso primeiro aniversário:

um cliente italiano teve o descaramento de me cortejar durante um jantar. Ele ficou tão irritado que mandou o motorista levar-me a casa antes da sobremesa.

Nessa noite, como em tantas outras, regressou tarde. Vinha irado. Entrou no quarto e tocou-me sem cuidado. Depois, virou-se e adormeceu. Senti-me violada.

Permaneci no chão, de joelhos, com o rosto escondido pelos cabelos desalinhados até ter a certeza de que dormia. Gatinhei até ao chuveiro. Deixei que a água me lavasse o corpo e a alma.

Quando acordou, olhou-me e, desagradado com as olheiras, disse num tom de voz agressivo:

— Vou pedir para lhe marcarem uma sessão de massagem e tratamento de rosto. A minha secretária dar-lhe-á os detalhes. Seja pontual!

Tinha combinado almoçar com a Dora. Sentia-me tão fragilizada que não tive coragem de telefonar. Enviei uma mensagem curta e vaga. Após essa noite, o carinho foi destronado pela arrogância. Já não fazíamos amor, apenas sexo, quando e como ele bem desejava. Mesmo assim, tentei conquistá-lo.

Continuei a conviver com a frieza da sua família, o repúdio da sua mãe, que nunca escondeu a antipatia pela “provinciana”. O olhar de cobiça dos homens nos jantares de negócios, em que me exibia com vestidos justos e decotados. O olhar de compaixão das mulheres que tudo compreendiam.

Os pardais terminam a refeição. Batem as asas e voam lado a lado, ultrapassando o desacato. É hora de esticar as pernas e regressar ao trabalho. Calcorreio por entre flores campestres até ao final da estrada de terra batida e volto.

Sento-me na cadeira e contemplo a peça que criei. Não é a minha melhor produção, mas representa o recomeço, o renascer como artesã ao fim de dois anos.

Trabalho arduamente. A tarde termina e a noite instala-se. A lua invade a minha privacidade. Sinto os braços e ombros doridos. O cansaço de um dia longo e revigorante. Levanto-me e caminho até ao cadeirão no alpendre.

Sinto um pontapé e uma mistura de emoções. A dor do último dia da nossa vida ainda está presente. Esta gravidez não foi planeada; resultou de uma noite de paixão e amor. Tinha sido no seu aniversário. Comemos e bebemos melhor, numa festa bem mais agradável do que antevia. Em casa, foi meigo, doce, apaixonado e amámo-nos como se fosse a primeira e a última vez. Acordámos abraçados como nas primeiras vezes que partilhámos a cama.

Os dias e semanas seguintes foram de harmonia. Acreditei que era um recomeço. Passado um mês, descobri que estava grávida. Fiquei feliz e mal pude esperar pela sua chegada para lhe dar a notícia. Estava confiante. Talvez fosse o impulso para o casamento.

Preparei o seu gin preferido e um sumo de laranja para mim. Vesti umas calças brancas e a camisola azul-turquesa de que gostava. Recebeu a notícia com agressividade. Quando tentei abraçá-lo, empurrou-me. Caí no chão. Insultou-me. Acusou-me de ser interesseira e de usar um golpe bem antigo para o obrigar a casar. Deixou bem claro que não pretendia dar esse passo. Trataria do aborto de imediato. A sua secretária entraria em contacto comigo. Saiu.

Ergui-me, cambaleei até ao quarto de vestir, peguei na mala e vim para aqui.

A quietude da cabana resgatou-me das cinzas. Moldar o barro devolve-me a esperança. O conforto das calças de ganga, da camisa de flanela de xadrez vermelho e preto e das sapatilhas acarinhos-me.

O ruído deste silêncio dá-me paz. Observo a lua que se anuncia entre as copas bojudas dos pinheiros mansos que povoam o bosque. E sinto que esta criança há de devolver-me a felicidade.



Sobre as Mãos que me Levam

Autoria: Branca Boson
CTA/FLAL/CONTO/C012

Largado em um banco azul sinto a brisa vinda de algum lugar misterioso e que mexe com minhas páginas. O som ambiente é o de muitas vozes misturadas. De tempos em tempos, uma delas se sobrepõe em avisos. Humanos se sentam e se levantam, inquietos, nos bancos ao meu redor, mas nenhum se atreve a me tocar. Uma mulher me fita insistentemente. Aproxima-se e decide me envolver em suas mãos e me colocar com pressa em uma bolsa, onde vou me misturando a frascos e batons nos pulos da sua corrida. Fico ali até que aquelas mãos me procuram e me retiram da bolsa. Posso perceber que estou dentro de um avião. Os seus gestos não são delicados, minhas páginas são viradas com impaciência. A leitura é desatenta. Demora-se um pouco mais naquela parte que sempre comove as mulheres. É incrível como provoca exatamente o mesmo efeito, independentemente de quem me lê, desde que seja uma mulher. Ela me fecha bruscamente. Sinto gotas molhando minha capa. Então, me coloca no compartimento do banco à sua frente e acabo por cochilar com o som monocórdio do jato. A batida das rodas no chão me desperta. Ouço os sons da aeronave se esvaziando: malas sendo retiradas dos compartimentos, reclamações, recados no alto-falante, que ninguém presta atenção. Logo, silêncio. Fui esquecido novamente.

Barulho de aspiradores ao longe, mãos resolutas me encontram e me giram para todos os lados, numa avaliação apressada, e me guardam no bolso de um casaco felpudo. Desço as escadas e viajo às cegas pelo solo daquele novo lugar. Sinto as unhas grandes tamborilando em minha capa, checando minha presença. É outra mulher quem se interessa por mim. Ela me tem mais carinho, talvez pela falta do receio de que alguém reclame a propriedade. Pela temperatura das suas mãos, sei que está frio lá fora, mas estou bem acomodado naquele agasalho que caminha, a passos firmes, para um quarto de hotel não muito longe do aeroporto. Entra. Ouço o trânsito pesado de uma grande cidade lá fora. Na TV ligada, falam uma língua que não entendo e me distraio tentando decifrá-la. Estou em qualquer lugar em que nunca estive. O chuveiro liga e desliga em poucos minutos, e o brilho suave da luz de cabeceira ilumina minhas páginas. Deitada na cama, com a toalha enrolada na cabeça, ela pausa em mim impressionantes olhos azuis. Começo a tarefa que mais adoro: listar as sutis alterações que acontecem no rosto de quem me folheia. E os humanos acreditam que só as suas bocas falam. Nas pequenas vibrações da pálpebra, no leve tremor da íris, nos movimentos de abrir e fechar da pupila são contadas histórias admiráveis, e que nenhum livro encerra. Posso passar muitas e muitas horas lendo nos olhos de alguém o que leem em mim e, ainda assim, me assombrar com a potência da narrativa. Cada pessoa é uma nova tecitura, tão complexa quanto a transformação dos símbolos impressos em minhas folhas em pensamentos. Esta mulher me deixa deitar em seu peito e sentir a batida suave de seu coração. O ressonar nina o meu sono satisfeito.

Acordo no silêncio absoluto de um móvel duro. Onde estão meus olhos azuis? Nenhum som além do trânsito lá fora, junto ao de jatos, que estão ainda mais intensos. Fui

deixado novamente. A porta se abre. Alguém cantarola naquela mesma língua misteriosa e me joga na gaveta escura do móvel em que estava. Fico ali, ressentido, até que em uma noite qualquer sou descoberto por um homem, que me abre no meio. Quem pode começar uma história assim? Ele parece procurar em minhas páginas o que anseia há muito tempo. Quando, afinal, fica convencido a me ler, seus olhos parecem me compreender mais do que qualquer outra pessoa que conheci até então. Seus lábios falam comigo sem emitir qualquer som – ele tem o hábito cada vez mais raro (e adorável) de mexê-los enquanto lê. Aliás, nunca vi lábios iguais. Ora se apertam, ora se abrem e ficam assim até a língua ser obrigada a molhá-los. Os dedos, volta e meia, chegam aos dentes, que os mordiscam em aflição para depois se mostrarem em risos altos e satisfeitos. Lê até o sono chegar, o que se percebe pela demora nas piscadas. Resiste a dormir. Passa minhas páginas lutando contra os próprios limites. Até que cede, mais ou menos no ponto em que me abriu quando nos conhecemos, me fecha e pousa, com carinho, no móvel da minha já esquecida prisão. Acaricia a minha capa, agradecido. E sou eu que lhe diria obrigado, se pudesse. Apaga a luz.

Assim que o sol atravessa a janela aberta, e me ilumina, sou segurado pelas mãos desse meu novo dono, que me dá um beijo de bom dia e me coloca dentro da mala. Passo um tempo bom entre macias camisas e fofas meias, sem medo de ser esquecido mais uma vez. Quando me encontro de novo com o seu olhar amoroso, estamos na praia. Posso ouvir o som ritmado das ondas e o cheiro que, confesso, me dá arrepios. É maresia. A música, ao longe, harmoniza com o mar. Ele traz à boca, de tempos em tempos, o copo com um pavoroso enfeite que esconde seu rosto enquanto sorve pelo canudo um líquido azul. Parece mais feliz, e eu

também ficaria se ele tirasse os óculos escuros. Queria ver melhor seus olhos expressivos. Não me lê da mesma forma que na noite passada porque outras coisas competem com a sua atenção. Ora uma batida que balança seu corpo e o meu. Ora a contemplação do mar ou de alguém que passa. Não tem problema. Há páginas o bastante para mais tarde. Quando me leva para o quarto, afinal, me preparo para uma noite como a primeira, mas sou deixado em um ambiente escuro e silencioso. Espero ansioso até que volte, só que não está sozinho. Uma mulher também me toca, depois de longos minutos de gemidos e farfalhar de lençóis. Falam sobre mim, e o pior acontece. Sou oferecido a ela, como garantia de que voltarão a se encontrar, e levado para longe dele.

Antes de conseguir me recuperar do baque da separação, me vejo em uma sala espaçosa, ao lado de uma poltrona iluminada por um abajur de pé. Os sons abafados de uma avenida frustram as minhas esperanças de que não tenha ido para tão longe. Em nada me lembra o barulho do mar. As vozes, desta vez, dizem coisas familiares, mas isso não me consola. Preciso me dar por satisfeito por estar à vista, em uma sala, e não escondido no quarto. Guardo a esperança de que serei facilmente encontrado, se ele vier. Atento-me para os sons à minha volta: a voz de uma criança e, depois, de um homem, mas não. Não é ele. Será que nunca mais vou ver meu querido leitor? Mais tarde, quando o silêncio domina a casa, ela vem se sentar e me pega nas mãos. Tem lindos olhos castanhos, com algumas partes esverdeadas, unhas curtas e mãos macias. Começa pelas primeiras páginas, lendo inclusive os meus dados catalográficos. Nem parece aquela de quem ouvi tantas frases obscenas. Elegante, calma, sinto ganas de tirá-la daquele controle. Mas a sua disciplina me aquieta e sua fidelidade me

conquista, pois todos os dias, à mesma hora, ela me dedica uma hora e nem um minuto a mais. Não deixo de sentir falta da intensidade do seu amante - do nosso amante – mas a constância também pode ser sedutora. A casa, organizada como ela, mantém rotinas que acabam por domar minha ansiedade. Todos os dias depois do almoço, que acompanha a algazarra da criança e a conversa polida do casal, assim que se despede, até da cozinheira, o silêncio reina e ela se senta na poltrona, acende a luz da luminária e me pega. Eu fito aqueles olhos de cor mutante, a pele impecável, o cabelo bem preso, atento a um sinal qualquer que denote a emoção que sei causar. Nem naquela parte. Não entendo como consegue se conter tanto assim, sabendo, como sei, da sua capacidade de se deixar levar pelas sensações. Gira levemente a cabeça, ao ler a página da esquerda. As narinas tremem discretamente, sem relação alguma com partes dos meus textos. As pupilas se retraem e se expandem no ritmo da luz tênue da janela, que muda com o esvoaçar das cortinas. Tento entender como ela pode ser a mesma mulher da noite quente no quarto do meu querido leitor. Talvez, não seja. Quem sabe, talvez, essa mulher ainda esteja lá, com ele, se deitando em gemidos ao som do mar. O que aconteceu é que naquele dia ela aceitou o presente e me levou até seu quarto, mas me repassou a outra pessoa, uma amiga, que ficou sozinha depois do encontro arrebatador que mudou seus planos. Eu fui um presente de consolação para diminuir a sua culpa. Então, eu fui colocada na mala dessa esposa, mãe dedicada e amiga traída, que voltou para casa sozinha.

Crio essa história para pôr fim à ambiguidade e enterrar de vez minhas esperanças. E me acalma a verdade inventada. Até que em um dia como outro qualquer, depois da casa silenciada, ela não vem para a poltrona. Muda de

direção porque a campainha toca. Estranho a ansiedade que toma conta dos seus passos desde lá de dentro até chegar à entrada. E o que se segue depois da porta aberta é a confirmação de que sou melhor em guardar enredos do que em criá-los. É ele! Cumpre o prometido. Aqueles cabelos sempre presos em impecável coque são libertos em ávidos puxões, ao mesmo tempo em que a figura composta e retraída se desprende em arrebatamento. Agora a reconheço em seus gritos abafados e frases entrecortadas de paixão.

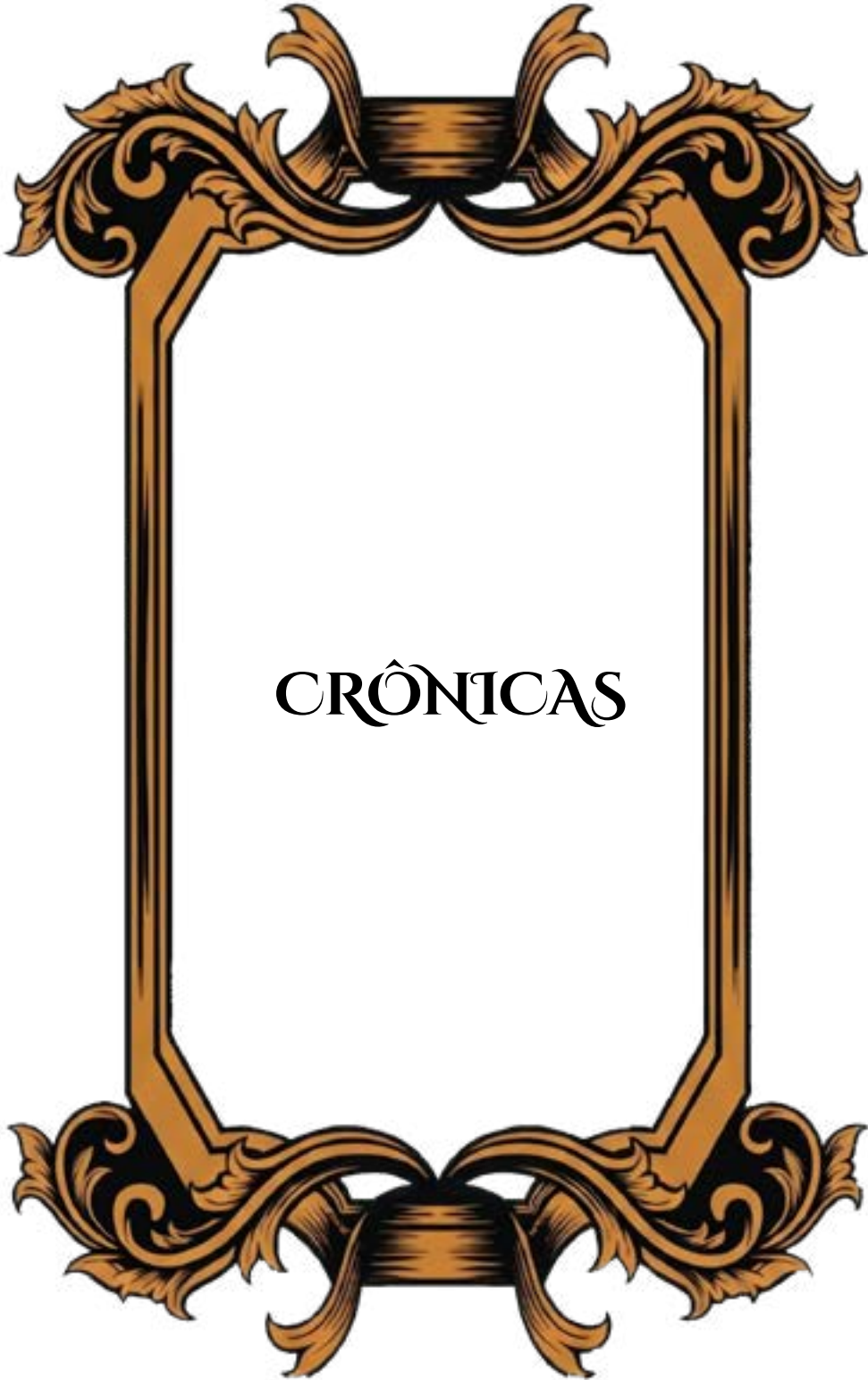
A partir desse dia, as tardes tranquilas da casa ordeira se transformam na noite daquele hotel de praia. A cena reveladora se repete, com menor ou maior intensidade, na sala ou em outro cômodo da casa, em intervalos regulares de tempo. O arrastar de móveis e a queda de objetos acompanham sessões cada vez mais imprudentes de encontros. Ela mata a saudade enquanto espero paciente pela minha vez. Quando ele virá reivindicar a minha posse? A demora em ser notado me coloca em um estado a que me resignei: esquecimento. Fecho-me a tudo ao redor e, por isso, demoro um pouco a perceber quando os sons mudaram, de paixão para luta. Os dois homens se encontraram, aquele que mora e aquele que visita. O escândalo, que tinha começado no quarto, se espalha pelo apartamento e se aproxima de mim. Berros, golpes secos, ameaças. Chegam. Sou empunhado. E se juntam a força da mão humana e a aresta afiada da minha capa dura em um voo até uma têmpora. Como é frágil. Eu não sofro nenhum dano, mas é evidente a gravidade do que causei. Um silêncio horrível explode, pondo fim a toda a cacofonia. Sou devolvido para a mesinha em um movimento tão lento, que parece o desejo de que tudo congele, volte e termine diferente. Fui usado como arma. Fui a vítima inanimada de uma violência. Sinto em minha capa a umidade quente do sangue de alguém.

Em todas as minhas andanças pelo mundo, passei por muitas mãos, ouvi muitas línguas e sons, senti diferentes brisas. Conheci diversas maneiras de compreender as mensagens em mim, ao me ler espelhado em olhos de todas as cores e formatos. Risos e lágrimas, por vezes em trechos diferentes, outras vezes nos mesmos, apreciados lentamente ou com voracidade. Páginas puladas, relidas, dobradas nas pontas, recitadas em voz alta e em diversas traduções. Folhas que provocaram indignação por invadir e, até mesmo, se apossar de universos cognitivos. Por outros, lidas com mansidão. Partes de mim escancaradas, partes presas em grossos marcadores até serem assimiladas. A capacidade de emular infinitas cosmovisões a partir de um limitado conjunto de palavras, por mais que sejam as mesmas - ou pareçam ser as mesmas - me coloca na posição privilegiada de ler o mundo. Palavras que penetram o íntimo de cada ser humano e modelam o inefável. Mais que isso: alteram, ampliam e o modificam. Não conheço humanos que consigam fazer isso, a não ser que tenham em suas mãos um livro. E mesmo assim, não pude antecipar esse meu uso indigno.

Ganho camadas de poeira sobre a mancha vergonhosa, em cima do móvel da casa, que perdurou silenciosa até começar a ter seus móveis retirados. Eu me junto a outros livros, que nem imaginava que existiam naquele lugar. E assim ferido, percebo o quanto fui feliz em toda aquela minha vida livre, ímpar, viajando de mão em mão, conhecendo uma diversidade de humanos neste grande planeta. Seres que o tempo e as experiências envelhecem. Nunca imaginei que isso aconteceria aos livros também.

Passo a viver com as minhas capas indecentemente coladas às de outros livros, dividindo a espera triste de ser escolhido e voltar a sentir o calor de mãos. Eu, que amei

meus leitores, fui usado injustamente para ferir e me tornei um decadente condenado nas prateleiras de um sebo qualquer.



CRÔNICAS

Na Amazônia Papai Noel Vem De Catraia

Autoria: Luiz Felipe Amil
CTA/FLAL/CRÔNICA/CR034

O Natal na Amazônia não tem neve. Não tem pinheiros com galhos curvados pelo gelo e nem lareiras crepitantes. O Natal aqui tem cheiro de rio, de chuva de inverno, de subida das águas na cheia e de jasmim-manga. Em Santarém, a Pérola do Tapajós, a história de Papai Noel toma um rumo muito mais azul e quente – e é levada a sério por crianças que sabem que, no Encontro das Águas, a logística precisa ser, digamos, fluvial. Desde as primeiras brisas de dezembro, que aqui são mais um suspiro do vento norte, a cidade começa a se vestir de luz, não de lã. No lugar da tradicional rena, a imaginação santarena convocou um veículo mais apropriado para navegar pelos igarapés e furos: a catraia.

A catraia, para quem não é da região, é mais que um simples barco; é uma lancha pequena, de casco ágil e motor de popa zunindo, o táxi aquático que liga as comunidades ribeirinhas e cruza o Tapajós e o Amazonas com uma naturalidade que só o caboclo possui. E é na proa dela que, reza a lenda das beiradas do rio, Papai Noel faz sua aparição.

Nos contos que embalam as crianças no calor úmido das noites santarenas, o Bom Velhinho não escorre por chaminés, que são raras em casas de palafitas e taipa. Ele desliza pelos rios, guiado não pela Estrela de Belém, mas pelo farol da cidade e, de preferência, por um canoeiro experiente que conhece cada banco de areia. Seu trenó é um motor rabeta, e o saco de presentes, ao invés de descer, é

iado da catraia para as varandas. Seu uniforme, ah, esse é adaptado. O veludo pesado da Lapônia seria insuportável no calor equatorial. O Papai Noel amazônida usa uma versão mais leve, talvez de linho vermelho e branco, e um chapéu que, por vezes, é trocado por um de palha para espantar o sol. Ele chega com o cheiro da maresia doce do rio e, talvez, com a pele bronzeada, resultado de cruzar a Amazônia de ponta a ponta.

Os presentes também têm um toque local. Além das bolas e bonecas industrializadas, há sempre uma arte indígena, um brinquedo de miriti feito à mão, ou quem sabe, um exemplar fresquinho de tacacá para a ceia. O espírito do Natal aqui é uma mistura de tradição cristã com o calor humano da Amazônia, onde a generosidade é tão vasta quanto a floresta.

E assim, enquanto o mundo fora do Equador congela, em Santarém o Natal pulsa com a vida do rio. A catraia do Papai Noel aporta no Cais, suas luzes se confundem com as da orla, e a magia acontece na beira d'água. Porque na Amazônia, o Natal é, antes de tudo, uma celebração da água, do transporte, da união entre a terra e o rio, e da certeza de que, não importa a distância, a entrega sempre chega — a bordo de um barco a motor, singrando o azul-turquesa do Tapajós. Papai Noel vem na catraia lentamente anunciando a subida dos rios, do inverno e trazendo magia para o presépio que o Menino Jesus traz a salvação.

A Coreografia dos Dias

Autoria: Elisabete Brito
CTA/FLAL/CRÔNICA/CR035

Despertamos do sono inquieto, sem saber o lugar onde estamos, entre o sonho e o agora da manhã que desperta. O silêncio fica na noite, a azáfama do dia começa: o pequeno almoço apressado, as lancheiras organizadas, as mensagens que caem no telemóvel e ficam a aguardar, os dentes que se escovam ligeiros. Começam como um hábito que se cria e depois torna-se silencioso nesta gente que os repete consecutivamente.

Depois de fechar a porta de casa, o trânsito traga-nos o tempo e devolve-nos buzínadelas insistentes de gente apressada e, muitas vezes mal-humorada pelas rotinas que se infiltram nos horários a cumprir. Estranhamente o trânsito matinal engole-nos a paciência. Os ponteiros do relógio correm mais depressa e de repente sentimo-nos tragados pelo asfalto. Quiçá este será mais um teste à nossa forma de lidar com o tempo e com os outros. Nesses instantes, a diferença está na forma como escolhemos reagir diante destas rotinas.

Podemos recomençar? Voltamos a despertar? Talvez todos precisemos de amanhecer com mais tranquilidade, apesar do corre-corre que são estes dias. Estas manhãs andam excessivamente com falta de autonomia. Onde está o tempo para respirar? Como respiram as pessoas que já saíram de casa cansadas?

Este cansaço já não é apenas físico. É uma exaustão que sobe do peito até aos olhos. Quantas vezes já olhamos para aqueles que estão ao nosso lado? Quem nunca se deixou

sucumbir por estas rotinas apressadas? Quantas vezes vemos apenas um olhar baço, vazio, como se a lâmpada se tivesse apagado? Quem vemos ao espelho?

Há dias assustei-me, quando, com o acumular de mil e uma tarefas, os dias de chuva persistentes, olhei para dentro de mim. De repente, não encontrei o brilho de sempre, o sorriso de todos os dias. Senti-me engolida por este redemoinho, que parecia multiplicar-se como as cabeças de hidra. Num primeiro instante pensei em fugir. Depois, parei para refletir e para me encontrar.

Cada um olha para o seu umbigo quando se trata de sobrecarregar o outro de tarefas urgentes. Parece uma verdadeira competência contra os relógios. No entanto, o tempo não dá tréguas nem folgas. É sempre uma correria interminável contra o tempo para concluir as tarefas que se multiplicam, numa reiteração mecanizada sem propósito. No dia seguinte surgem novas e no outro e no outro.

A rotina corrói quando deixamos de respirar. Talvez o problema não esteja apenas no hábito diário, mas na falta de significado que os dias trazem, no excesso de obrigações, no cansaço que se acumula dia após dias e na ausência de originalidade e criatividade. O trabalho nunca termina, parece multiplicar-se. Quando o dia adormece, a mente continua a navegar por mil e um lugares. A noite não traz, tantas vezes, o descanso necessário. Dorme-se a correr. Não há tempo para sonhar. O brilho no olhar, aquele que atea com o sonho, não consegue carregar por falta de energia.

Contudo, há pormenores que quicá incendeiam estas rotinas. Um chá sem pressa, um trajeto novo, observar as nuvens ou o pôr do sol ao final do dia, rir do caos do trânsito, sorrir, abraçar. Uma conversa sem tempo. Nestes pequenos intervalos, reaprendemos a respirar e a sentir que, afinal, ainda estamos vivos. Sem fazerem parte da agenda são os que gravamos na memória.

É fundamental desacelerar quando tudo à nossa volta insiste em acelerar. Se a correria se multiplica, reduzimos a velocidade. Os dias não são uma cópia do ontem ou do anteontem. Dentro desta repetição em que os pés parecem caminhar sozinhos, surge, tantas vezes, uma nova ideia, um olhar mais atento sobre a primavera que floresceu. Nesses pormenores está a diferença. Foi isso que descobri quando olhei para dentro de mim. Por isso, o brilho no olhar voltou.

As rotinas dão-nos segurança, permitem-nos cumprir responsabilidades e manter a ordem no caos dos dias. Não obstante, a vida não cabe totalmente num cronómetro. O maior desafio é o equilíbrio porque o nosso maior compromisso não é com o relógio, mas com a vida e a vida nem sempre segue esboços ou mapas.

Amanhecer na Costa das Palavras

Autoria: Alexandra Ferreira
CTA/FLAL/CRÔNICA/CR036

São 6:00 da manhã. Desperto na Costa de Marfim. A quietude diz-me que a noite ainda não se despediu. Sonolenta, observo o céu vestido de um azul profundo, tom que antecede o amanhecer. Uma neblina de poeira protege os meus olhos sensíveis, um bafo quente e húmido abraça o corpo.

A brisa fresca da madrugada sopra levemente, trazendo consigo os cheiros da vegetação tropical e da terra húmida. Observo os edifícios altos e modernos duma capital marcada por uma arquitetura de casas coloniais em competição com arranha-céus contemporâneos, numa disputa entre a história e a modernidade.

O dia amanhece. A névoa desfaz-se lentamente, enquanto o céu começa a clarear pintando-se de tons cobalto, dourados e lilases. Esta paleta de cores reflete-se nas águas da Lagoa Ébrié que circunda a cidade.

O sol desponta no horizonte, desafiando esta capital a abandonar a tranquilidade noturna. O canto animado dos pássaros nas árvores altas compete com o eco dos modestos barcos de pesca e o ruído ainda tímido do trânsito. Nos bairros mais movimentados, os mercados de rua começam a despertar com os vendedores montando as bancas. O cheiro de pão fresco e especiarias espalha-se pelo ar.

As luzes apagam-se. A luminosidade invade as ruas e avenidas, desnudando um colorido de muros grafitados,

roupas estendidas nos varais, autocarros vestidos de cores alegres e atolados de vida. Volto a ouvir os pássaros ensaiando um recital. Sinto de novo o aroma das padarias de rua — mulheres de lenço amarrado à cabeça transportam cestos com um sorriso nos lábios.

Este emaranhado de contrastes da natureza e urbanidade, do silêncio e movimento, da pobreza e riqueza, do desasseado e requintado, da simplicidade e luxúria, convivem em harmonia — um “caos” que concede beleza e autenticidade a esta cidade que acorda devagar, como uma mulher que aguarda desadormecida pelo sol.

O calor húmido intensifica-se a esta hora. Com um carisma muito seu, Abidjan ensina a esta europeia que acordar em África Ocidental é uma experiência única, um mergulhar num mundo singular e encantador.

Percebo então que viajar é, sobretudo, aprender a olhar

Animais de Estima e Ação

Autoria: Corina Ramos
CTA/FLAL/CRÔNICA/CR037

Havia dois pets na família. Amores de todos nós, em duas casas. Os cenários sempre foram os de receber e doar cuidados, entre humanos e animais.

Rookie , há muito tempo, foi um cachorrinho pequenino buscado em outro Estado num berçário canino (se é que existe um local com esse nome). Viajou no colo de um de meus netos, chegando ao novo lar.

Foi localizado numa busca intensa, através da internet, dentro das características que foram apontadas pelo pai: “não pode latir no apartamento, não pode soltar pelos pela casa, não pode morder sapatos e pés. Pode brincar com vocês, mas tem que ser cachorro de bons hábitos e mais civilizado do que foi o anterior que comia tudo que havia pela frente e não sabia esperar pelo passeio higiênico.”

A gatinha, recém nascida, foi escolhida pela filha e neta numa feira. Também recebeu colo e uma casa prontinha dentro do apartamento. Chandra é Lua e Rookie é recruta em treinamento. Nomes escolhidos que podem revelar destinos.

Chandra era uma verdadeira dama que apresentou, após muitos anos, desafios na sua saúde e diminuição de reflexos. Em seu corpinho já se percebia, visivelmente, as mudanças provocadas pelo tempo. Na mente e no espírito era de mostrar ainda um certo grau de vitalidade e companheirismo.

Trouxe ao mundo, numa noite, dois gatinhos brincalhões e uma gatinha muito arisca. Seu companheiro, Surya, saía para dar conta da bebê ligeira que arriscava uma corrida, meio engatinhada, e, se escondia embaixo dos móveis da sala,

Os filhotes foram doados mais crescidos e lembramos ainda do pai gato, bem calmo, que colocava ordem na casa para a mamãe descansar. Assim cumpriu seu papel até sair deste mundo.

Solene, descansado e calmo, afirmo a vocês, que Rookie também é. Um lord Shiba Inu que cumpre todos os itens mencionados para compartilhar momentos inesquecíveis com a família tutora. Jovem e sadio, não late nem um pouquinho no apartamento, motivo de elogio de todos, principalmente, dos vizinhos.

Mas toda regra tem exceção - com ele não é diferente - a moça da limpeza e o funcionário que mede o gasto mensal da energia elétrica ouvem, quando se aproximam demais da porta, um latido forte e ameaçador.

Porém, minutos mais tarde, o latido intenso se transforma através de um passe de mágica empática. Parece um gatinho rosnando manso quando minha nora chega da clínica ou um neto se aproxima para brincar ou sair com ele. Uma festa todos os dias!

Sem festas, Chandra sofreu com anemia e foi preciso dois internamentos com exames de imagem, que ajudou o veterinário a diagnosticar a presença de um tumor que a conduziu, lentamente, a se despedir de nós.

Ao pensar em saúde de pets e humanos, uma ação me conquistou há quatro anos. Eu sai do hospital e fui passar uns dias, no mês de julho, na casa do filho e sua família.

Ao me recuperar, o meu companheiro, durante o trabalho e estudo diário dos moradores foi o Rookie.

Parecia que me enxergava por dentro com olhos de raio x. Sabia a hora certa de aquecer meus pés; aproximava-se, em silêncio e deitava-se. Era quando o meu inverno desaparecia por baixo do pelo e de seu peso.

E ao desejar me alegrar, fazia apenas um sutil convite ao retirar a meia de dentro do sapato do neto, esquecido num canto qualquer, que trazia dependurada na boca. Soltava aos meus pés e me olhava para que eu fizesse a bola para jogar na direção do corredor. Era um correr para buscar. Eu sorria, ainda com um pouco de dor, quando ele a devolvia vitorioso na boca semiaberta e úmida.

O momento era de intensa troca de olhares. Fitava bem dentro de meus olhos e parecia expressar contentamento por ter pulado no ar e pegado, no momento certo, consciente de seu papel, a bola de meia. Uma rotina diária de gratidão, cura e alegria através do ritual conduzido por um “recruta” em constante treinamento de ajuda e empatia.

Rookie, como um bom recruta demonstra disciplina e continua até hoje aprendendo novos truques com meus netos e buscando em sua caixa de brinquedos o que deseja para colocar aos nossos pés e pedir atenção. Ajuda com empatia algum membro da família que necessite de apoio para superar um desafio. Permanece ao lado e alegra o ambiente até que tudo se tranquilize.

A mesma ajuda e empatia senti também ao observar Chandra quando alongava seu corpinho numa entrega total ao receber Reiki da minha filha enquanto a vó, filha e neta se encontravam no quarto para os afagos em sua cabecinha e patinhas. Era o momento das confidências entre mulheres.

Com seus olhos verdes como duas esmeraldas, se aproximava e no momento da solitude e sororidade femininas, após o papo tranquilo, ou, às vezes, acalorado, suspendia seus miados e se alongava sobre nossos pés, fechava os olhos, e, nos aquecia nas tardes ou noites de inverno. Solidariamente, silenciosamente, e, em tom de conspiração quanto aos segredos ouvidos naqueles momentos.

E sendo Lua, Chandra foi para o céu. E quando avisto a lua cheia, posso até jurar que vejo duas, uma brilhante grande e a outra acinzentada, bem menor, com duas pintas verdes, lado a lado.

São esses fragmentos de experiências vividas e imaginadas que trazem o valor da interação entre humanos e animais de estima, por meio de sentimentos de empatia e ação de cura.



O Banquete das Esfomeadas

Autoria: Karoline Moraes
CTA/FLAL/CRÔNICA/CR038

Ele chega no horário, dá um beijo carinhoso, pergunta como foi o dia. Ela sorri e serve o jantar. Ele é uma boa pessoa, cumpre seu papel: trabalhador, honesto, presente. O carinho entre eles é tranquilo, um afeto que não surpreende. Um amor seguro, como uma xícara de chá morna reconfortante, sem risco de queimar a língua.

Mas o coração, às vezes, anseia por um calor mais intenso. Então, quando as luzes se apagam, ela vai ao seu encontro secreto. Uma viagem que é só dela. O vilão da vez não importa. Todos compartilham o mesmo perfil: homens difíceis, que decidem destinos antes do café da manhã, mas todos, sem exceção, guardam o mesmo ponto fraco: ela.

Não é a violência que a atrai, nem a crueldade gratuita, tampouco as cenas explícitas de sexo. O que acelera o pulso, rouba o fôlego e a faz virar páginas sem perceber o tempo passar é a lealdade feroz. É o homem que, diante da ameaça, afirma sem hesitar que qualquer dano a ela será cobrado com uma fúria capaz de atravessar gerações. É quem desafia a lógica, o perigo e a própria ruína para mantê-la a salvo. Um amor que não respeita leis, moral ou sobrevivência que escolheria o colapso do mundo antes de permitir que um único fio de cabelo dela fosse ameaçado.

No cotidiano, o afeto se divide entre o supermercado e o trabalho. É real, verdadeiro, mas diluído em tarefas e preocupações.

Nas páginas da história, o sentimento é uma força da natureza. É posse que sufoca, ciúme que incendeia cidades, obsessão que redesenha mapas de poder apenas para mantê-la ao alcance de seu braço. Um apego sem limites, uma atenção absoluta que faz qualquer pessoa se sentir... única.

Quem pode culpá-las? Quem ousa julgar a fome de quem sempre se alimentou de migalhas?

Não é que o amor estável e bom, do homem real, honesto, bom pai, não baste. Ele sustenta a mulher racional, a cidadã, a mãe. Mas há uma fera adormecida no ventre da mulher que foi ensinada a ser apenas “boa”. Uma fera que não quer ser amada: quer ser essencial. Quer ser a razão, a fraqueza, o ponto de ruptura de alguém tão poderoso que só nela encontra seu limite.

O dark romance é o banquete clandestino. É onde, em segurança, ela experimenta o sabor perigoso de ser tão desejada que até um demônio se ajoelha. Onde é, por algumas páginas, insubstituível. Não bela como revista, mas como uma arma rara, como a chave única de uma fortaleza impenetrável. Poderosa o suficiente para fazer tremer quem nunca temeu nada.

Não é a fantasia de ser ferida, mas de ser tão valiosa que a maldade do mundo se curva para preservá-la. O amor exagerado e obsessivo é o espelho invertido da negligência cotidiana. É o grito silencioso de um desejo antigo: o de ser escolhida sem medida, com lealdade absoluta.



O Essencial não se Explica

Autoria: Maria Leonilda Pereira
CTA/FLAL/CRÔNICA/CR039

Escrever sobre literatura infantil e juvenil traz-me o sabor das histórias que ouvia à lareira.

O cair da noite oferecia-me aventuras reais ou fantásticas. Por vezes, surgia o medo — lobos, seres malvados —, mas eu permanecia, até os olhos pedirem descanso.

Sem televisão, com poucos livros, eram a conversa, as histórias e as canções que alimentavam o convívio.

Creio que foi aí que nasceu o meu gosto pela leitura. Mal aprendi a juntar letras, corri para os livros da carrinha da Gulbenkian, biblioteca itinerante que levava possibilidades às aldeias. Criou leitores improváveis — e talvez escritores. Porque um escritor começa, quase sempre, por ser leitor.

Lembro-me de livros que me ficaram — O Meu Pé de Laranja Lima, pela dor e ternura, ou as coleções de Uma Aventura, que despertavam o gosto pela descoberta e pela ação.

O gosto foi ganhando forma e, na adolescência, escolhi seguir Letras. Na Faculdade, fiz um trabalho sobre literatura infantil. Li tudo o que havia: fadas, princesas, príncipes, aventuras.

O universo era mais reduzido, longe da diversidade atual.

Já então identifiquei aspetos que considero essenciais — não apenas na literatura infantil e juvenil, mas em toda a literatura: impacto, sensibilidade e uma certa dose de fantasia.

Hoje, a criança e o jovem continuam a procurar isso — mas também desejam fruição, identificação e verdade. O livro já não se limita à moral explícita das histórias tradicionais, como Branca de Neve, onde a beleza, a perda e a redenção seguiam um modelo previsível.

Os autores contemporâneos escrevem a partir do cotidiano, com linguagem acessível, sensível e próxima. Abordam temas atuais e chegam ao leitor com autenticidade.

Livros para a infância não precisam de explicar tudo. Precisam de tocar.

Há fenômenos como Harry Potter, que atravessam gerações, permanecem e se tornam referências pessoais e coletivas.

Ser escritor é observar, escutar e transformar — com respeito, verdade e intenção. Não para ensinar de forma direta, mas para acrescentar algo ao leitor.

Porque, no fundo, o essencial não se explica.

Recordo O Príncipezinho, obra que nos atravessa:

“Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.”



O Futuro da Poesia

Autoria: Jairo Aragom
CTA/FLAL/CRÔNICA/CR033

Outro dia acordei com uma preocupação séria: o futuro da poesia. Não era uma preocupação pequena, dessas que se resolvem com café forte e pão na chapa. Era uma inquietação internacional. Uma inquietação quase diplomática.

Peguei o celular e comecei a pesquisar. Descobri que na Polônia os poetas são respeitados como quem respeita um velho professor. Lá, viveram nomes como Wisława Szymborska e Czesław Miłosz, que ganharam até prêmio Nobel. Imagine isso: um poeta ganhando Nobel enquanto aqui o máximo que acontece é ganhar um “parabéns, muito bonito” no grupo da família.

Na Rússia então, nem se fala. O povo cita versos de Alexander Pushkin como quem cita placar de futebol. Dizem que a poesia lá é coisa séria, quase religião. No Chile, terra de Pablo Neruda, o poeta vira patrimônio nacional. O sujeito escreve um verso sobre o mar e de repente ganha casa-museu, busto na praça e excursão escolar. Continuei minha pesquisa e descobri outra coisa curiosa: na Noruega o governo paga bolsa para escritor. Bolsa! O poeta recebe dinheiro para escrever. Confesso que parei alguns minutos olhando para o teto.

Aqui no Brasil, se o poeta disser que vai viver de poesia, a família imediatamente sugere três coisas: concurso público, terapia ou um curso técnico em alguma coisa mais segura. Mas também não posso reclamar muito. Outro dia mesmo me inscrevi numa promoção de uma empresa

de ônibus. A proposta era escrever um poema sobre o tal “Caminho das Flores”. O primeiro lugar ganha quinhentos reais, o segundo trezentos e o terceiro duzentos. Não em dinheiro. Em vouchers para comprar livros. Confesso que, para um poeta, isso é quase uma fortuna.

As grandes editoras, é verdade, andam cautelosas. O mercado tem suas contas e seus medos. Poesia vende pouco. O mercado gosta de livros que rodam rápido, como ônibus em horário de pico. Poema, ao contrário, anda devagar. Às vezes para. Às vezes senta na calçada e fica olhando a vida passar. Mas, espalhadas por aí, existem pequenas editoras independentes — quase sempre movidas mais por paixão do que por planilhas. São elas que acolhem poetas iniciantes, publicam livros improváveis e insistem em acreditar que um bom verso ainda merece nascer em papel. Para muitos poetas, essas casas pequenas acabam sendo uma espécie de abrigo, quase um refúgio literário.

Enquanto pensava nisso, lembrei de outra coisa. A poesia brasileira nunca viveu exatamente dentro das editoras. Ela viveu nos jornais, nas esquinas, nas músicas, nos bares, nos cadernos escolares, nas serenatas, nos saraus improvisados. Viveu também na teimosia. Porque o poeta brasileiro é uma criatura curiosa: escreve, mesmo sabendo que o mundo talvez esteja ocupado demais para ouvir.

Talvez, por isso continue escrevendo. Talvez porque a poesia nunca tenha dependido totalmente do mercado, mas dessa estranha necessidade humana de dizer o indizível.

Fechei o celular e fui caminhar um pouco. Passei por um muro pichado com um verso torto de amor. No ponto de ônibus alguém escrevia um poema no caderno. E um rapaz recitava rap para dois amigos que pareciam ouvir com muita atenção. Foi então que entendi uma coisa. Talvez a poesia não esteja em perigo. Talvez ela apenas tenha mudado de endereço.

POESIAS

A Arte Das Palavras Bem Faladas

Autoria: Gabriella Vieira Pacheco
CTA/FLAL/POESIA/P045

A Literatura é a voz dos calados,
Por onde a gente grita quando não somos escutados.

Palavras são sentimentos,
E, sentimentos são palavras de encantamento.
A cada respirar, um novo verso;
A cada palavra, emoção no imerso.

O silêncio pode valer menos que mil palavras cantadas,
Como Shakespeare com a Megera Domada.
Onde, palavras são difíceis de falar;
Se torna escrita fácil de interpretar.

O silêncio é majestoso.
Mas, um livro bem escrito, vale mais que ouro.
A literatura viaja pelo mundo,
Mas os sábios a veem no profundo.

Tempo de Desassossegos

Autoria: Elisabete Brito
CTA/FLAL/POESIA/P046

Sobre a folha o rosto adormecido,
distante o pensamento que embala o sono.
No horizonte um céu enrubescido,
vacila o planeta angustiado
pelos sussurros de cada recanto dilacerado,
atrofiado pela penumbra onde mora

a ruína dos sonhos, outrora sorrisos,
nada mais resta além dos gritos perdidos,
pesadelos taciturnos de corações vazios
sem vestígios de ecos de vida,
enegreceu a humanidade sem identidade,
sumiram-se as lágrimas possantes dos rios,

que correm escanzelados entre margens,
as florestas caíram sobre o seu corpo,
dilaceradas pelo vento furioso e pelo fulgor ardente,
trespassadas de desventuras entre os escombros
sem alma e sem futuro,
com um fedor nauseabundo inerte.

Uma dor dilacerante amortalha,
pereceu a liberdade,
sucumbiu a poesia
adormeceram os bramidos aflitos, sem força
para lutar diante do caos egoísta do aço,
e das cinzas da subtileza das palavras,

aquiesceu a humanidade a opulência,
esbanjou os resquícios de calor humano.
O amanhã é um mistério que se esconde na bruma.
É tempo de desagrilhoar o sono,
para não morrer dentro do peito, entre sombras,
é tempo de exterminar os rostos de pedra

esventrar as espinhas das sombras que caem
no silêncio em busca do ventre que afaga
para que se ergam os versos de esperança
diante das crateras dos dias gelados
onde somente resiste quem vê o instante
com o coração e dissipa as penumbras,

não há outro tempo,
o tempo é agora, tempo de despertar,
tempo de arregçar as mangas, sem romantismos,

invoco-te, ó alma, para que ilumines de tons
infinitos de luz esta lúgubre visão de tortuosos
caminhos em versos desassossegados.

Eterno ou Efêmero

Autoria: Paula Oliveira
CTA/FLAL/POESIA/P048

Há amores que chegam como chuva de verão,
ardem intensos na pele do instante,
beijam o tempo sem pedir licença
e partem antes que a saudade aprenda seus nomes.

São fogos de artifício no céu da memória,
belos demais para durar,
feitos de luz breve
e silêncio prolongado.

Mas há outros —
não gritam, não incendeiam a noite,
apenas permanecem.

São como rios antigos
que atravessam montanhas sem pressa,
escavando na pedra
um caminho impossível de apagar.

O amor efêmero ensina o sabor do agora,
o eterno ensina o peso da escolha.
Um vive de vertigem,
o outro de raízes.

E às vezes confundem-se —
o que parecia eterno dissolve-se em névoa,
o que parecia breve cria morada no peito.

Talvez o amor não seja tempo,
mas intensidade que se transforma.
Talvez eterno seja aquilo
que mesmo depois de partir
continua a florescer por dentro.

Porque há presenças que ficam
mesmo quando os passos se afastam —
e há ausências
que jamais aprendem a ir embora.

No fim,
não é a duração que define o amor,
mas a marca invisível
que ele deixa na alma.

Raiva

Autoria: Paula Oliveira
CTA/FLAL/POESIA/P050

A raiva não bate à porta —
arromba.

Entra com passos de tempestade,
derruba cadeiras dentro do peito,
parte copos invisíveis
contra as paredes do silêncio.

É um trovão preso na garganta,
um punho fechado
mesmo quando as mãos tremem.

Arde.
Mas não é fogo claro —
é brasa escondida
debaixo das palavras que não dissemos.

Nasce pequena,
uma faísca no orgulho ferido,
e cresce alimentada

pelos “quase”,
pelos “devia ter dito”,
pelos “não é justo”.

A raiva tem olhos vermelhos
e memória longa.
Sabe repetir cenas
como um filme que não se cansa.

Mas também é verdade —
ela aponta feridas abertas,
mostra limites esquecidos,
grita onde nos calámos demais.

Se a deixamos solta, destrói.
Se a negamos, corrói.
Se a escutamos, ensina.

Talvez a raiva
não seja inimiga,
mas um alarme aceso na alma
a pedir mudança.

Porque por trás do grito
há sempre algo que dói —
e por trás da dor,
um desejo profundo
de ser visto,
ouvido,
respeitado.

Ponteiros Lentos

Autoria: Maria Leonilda Pereira
CTA/FLAL/POESIA/P052

Arrasta-se o dia
a lua clareia a noite
longo olho esbranquiçado
que mira o mundo.

Vaivém de silêncios pesados
outros anjos alados
me cercam, me tolhem
e assustado, fico.

Embrulho pensamentos
revolvo outros
cinzentos
de eventos soltos.

Vejo televisão
ouço música
leio um livro.
Nada me desperta.
Fico no cadeirão, noite dentro

até ao acordar.
Observo as horas,
ponteiros lentos.

Nesta espera e demora
embriago-me no tempo.
Pesa.
Não chega a minha hora.

Ergo o olhar
um pássaro a voar
ou é o mar?
Decido remar para ver.



Sinfonia

Autoria: Elisabete Brito
CTA/FLAL/POESIA/P049

Rodopia no ar uma doce melodia embalada
pelo vento, dançam os pássaros esta canção
que sussurra os segredos do rio que corre
esgaldado, sempre apressado,

quando o silêncio da aurora abraça o mundo
entorpecido sob as cordas dormentes
do violino que entoa na alma a harmonia
de um tempo que era colo e partiu.

Em cada verso caem flores para colorir
as batidas do coração e assim se faz história.
Em cada verso a esperança
que empurra o compasso dos dias

para a ponte que atravessa o abismo
porque a música jamais desiste,
pelos caminhos semeia girassóis
que aconchegam os risos inquietos e

sob a cadência da lua, ondulam as sombras,
fulgem as estrelas e adormece a noite fria
baloçada pelo canto de amor e serenidade
que as notas pacientes entoam

saciadas do fulgor da vida que abraça
o sonho que se eleva para lá das nuvens,
ressoa a alma e vibra o corpo
em cada acorde que se derrama no coração.

Quando a alvorada despertar peneiram-se
os sentidos das palavras que caíram no peito
entre as entranhas do silêncio e assim
repousa o mistério discreto, sem alarde

e é tempo de cingir o intenso canto da vida
que segue como o bailar das ondas do mar,
sussurram segredos descalços, beijam
o instante e perenes encontram-se na emoção.



De Malas Prontas

Autoria: Jairo Aragom
CTA/FLAL/POESIA/P047

De malas prontas,
partiu.
Nem se despediu.

Enquanto caminhava pelas esquinas,
olhou os rostos das pobres meninas:
das que estavam a chorar
e das que estavam a sorrir.

Também viu os guris
que estavam a pedir...

Nada mais cabia
naquela mala apertada.

Mas cabia
naquele coração apertado.

Puxou do bolso
um papel amassado

e anotou tudo,
mesmo com a alma amargurada.

Seguiu, então,
seu caminho descompassado...

Espalhou pelo mundo
a dor dos olhos tristes e embaçados,
a dor dos pobres moribundos,
dos que nunca foram embalados
em letras firmes
e papéis amarrotados...

Num guardanapo
de bordas douradas
— aquele que limpava
sua boca calada;

ficaram presas
palavras aladas.

O guardanapo guardou
o que o poeta não falou,

mas anotou...

E assim,
suas palavras viajaram
pelo mundo —
e fora dele...



As Palavras que Viajam Pelo Mundo

Autoria: Paula Oliveira
CTA/FLAL/POESIA/P051

As palavras que viajam pelo mundo
não levam malas.
Carregam apenas o peso invisível
do que foi sentido em silêncio.

Nascem pequenas,
num canto do peito,
onde o pensamento hesita
e o coração aprende a falar.

Cruzaram mares antes dos navios,
atravessaram desertos
sem pedir água,
foram ditas em línguas que já dormem
na poeira do tempo.

Há palavras que partiram por amor,
outras por guerra,

outras apenas porque era impossível
ficar.

Elas sabem o caminho das mãos,
o contorno do rosto,
o som exato do nome
dito com saudade.

Viajam nos livros esquecidos,
nos bolsos de quem espera,
nas cartas nunca enviadas,
nos olhos de quem lê devagar.

Algumas chegam cansadas,
com a grafia ferida,
outras chegam inteiras,
como se nunca tivessem sido quebradas.

Há palavras que mudam de forma
para sobreviver.
Trocam letras,
ganham sotaque,
mas guardam o mesmo sentido
no fundo da voz.

Quando encontram abrigo,
ficam.

Constroem casa no papel,
acendem luz no verso,
ensinam o silêncio
a respirar.

Outras seguem.
Não foram feitas para ficar.
Precisam continuar
para não morrer.

As palavras conhecem fronteiras,
mas não obedecem a nenhuma.
Passam por muros,
escapam por frestas,
entram onde o medo não alcança.

São pontes invisíveis
entre quem escreve
e quem precisa ler.

Uma palavra pode salvar uma noite,
outras afundam um dia inteiro.

Há palavras que são mãos,
há palavras que são lâminas.
Mesmo assim,
continuamos a dizê-las.
Porque o mundo,
sem palavras,
seria apenas um ruído
sem memória.

Quando viajam,
levam consigo
um pedaço de quem as escreveu.
E ao chegarem,
devolvem esse pedaço
transformado.

Talvez seja isso
que chamamos de encontro.

As palavras não voltam iguais.
Nem nós.

**Textos dos colaboradores
voluntários:**

- Comissão julgadora
 - Mediação
 - Organização

**Homenagem
aos Participantes da
Comissão Julgadora**

— Ironi Jaeger
— Vera Carvalho Assumpção

Palavras que voam livres sem fronteiras

Autoria: Ironi Jaeger

As palavras nunca aceitaram viver presas. antes mesmo que os homens desenhasssem linhas nos mapas, elas já pediam visto, não reconheciam muros, apenas viajavam.

As palavras são clandestinas por vocação. Elas não respeitam alfândegas, não carregam vistos e ignoram solenemente as linhas imaginárias que os cartógrafos desenharam nos mapas...

Enquanto o homem inventa muros e arame farpado, o verbo faz as malas e parte, silencioso, na mala do imigrante, no refrão de uma canção ou na velocidade de um clique.

Dizer que uma palavra tem pátria é uma vã tentativa de domesticá-la. Elas são sementes que o ar transporta, caem em silêncio, criam raízes e quando menos se espera, florescem com um sotaque novo, mas mantendo a essência do fruto original.

Uma palavra nascida em uma pequena rua italiana pode hoje morar em qualquer mesa do mundo. “Pizza” deixou Nápoles e encontrou abrigo em milhões de conversas. O mesmo acontece com “hotel”, “taxi”, “café”, “Okay”. Elas mudam de sotaque, trocam de roupa sonora, mas continuam reconhecíveis, como viajantes antigos que aprenderam novas línguas sem esquecer a própria origem.

Pense no café. É uma palavra que atravessou desertos e oceanos, saltando de xícara em xícara, de Istambul a Páris, de Santos a Tóquio. Elá não precisou de tradução para se fazer entender. Ou no “Okay”, esse pequeno andarilho

norte-americano que se infiltrou em praticamente todos os idiomas do globo, tornando-se o sinal universal de que apesar de tudo, as coisas estão em ordem.

As palavras viajam como “viajantes de primeira classe” na era digital. Antigamente, uma expressão levaria séculos para cruzar um oceano nas caravelas. Hoje, um meme nascido nos subúrbios de Seul amanhece sendo usado como gíria em Lisboa. A internet transformou o planeta em uma praça pública onde o dialeto é híbrido. O nosso cotidiano é um mosaico... damos um download na esperança, postamos um story sobre a nossa saudade e buscamos um feedback do destino.

A linguagem talvez seja a maior prova de que a humanidade sempre desejou se encontrar na música, cujas palavras cruzam continentes embaladas por melodias. Na literatura que atravessa séculos sem envelhecer. Na internet percorrem o planeta em segundos, saltando fronteiras políticas, como pássaros sobre cercas invisíveis. Uma frase escrita em um quarto silencioso no Brasil pode tocar alguém no Japão antes mesmo que a noite termine.

As palavras possuem uma liberdade que o próprio homem inveja. Elas não pertencem a ninguém. Mesmo quando tentamos aprisioná-las em regras rígidas, elas escapam pelas gírias, pelos neologismos, pelas misturas culturais. O português conversa com o inglês, dança com o espanhol, abraça expressões africanas, indígenas e francesas. E desse encontro nascem novas formas de existir.

Fernando Pessoa já dizia que “minha pátria é a língua portuguesa”, mas até essa pátria é feita de invasões e empréstimos. Porque nenhuma língua é pura. Todas são feitas de viagens.

O nosso português é um rio que recebe afluentes do tupi, do iorubá, do latim, e do inglês. É uma língua que, em sua generosidade, não pede licença para se transformar. Quando usamos um termo francês para descrever o “déjà vu” de um encontro, ou buscamos na língua inglesa o “feeling” para um negócio, estamos apenas admitindo que a experiência humana é vasta demais para um dicionário só.

As palavras são como aves migratórias. Elas não pedem permissão para atravessar cercas. Elas saltam fronteiras no ar de novos sabores... uma pizza no Brasil carrega a mesma fonética de acolhimento que em Nápoles, provando que a fome e a linguagem falam a mesma gramática.

Quem sabe por isso as palavras sejam tão humanas, elas também carregam memórias, cicatrizes e transformações. Mudam conforme o tempo, sobrevivem as guerras, atravessam gerações. Algumas envelhecem. Outras renascem. Algumas desaparecem com as cidades antigas. Outras florescem inesperadamente no balbuciar de uma criança.

Há beleza nas palavras. Em um mundo que insiste em dividir povos, as palavras continuam unindo, sem pedir permissão. Elas entram pelas canções, pelas telas, pelos livros e pelos afetos. Aproximam desconhecidos. Traduzem sentimentos que, às vezes, nem sabemos explicar em nossa própria língua.

As palavras são nômades. São sementes lançadas ao vento e isso torna as palavras tão poderosas. E talvez o maior milagre da linguagem seja justamente este: permitir que algo criado em um coração consiga encontrar morada em outro, mesmo separado por oceanos inteiros.

Porque quando as palavras viajam livres, o mundo inteiro se torna um pouco menos estrangeiro.

Ritinha, a robozinha

Autoria: Vera Carvalho Assumpção

Naquele vilarejo à beira mar, o mês de junho era marcado por muitas festas em homenagem aos santos juninos: Antônio, João e Pedro. Era nesta época que Toni trazia sua robozinha, Ritinha, para dançar com ele todas as noites. Os dois dançavam o quanto as pernas aguentavam. Riam e bebiam muita cerveja, muito quentão. Embora no vilarejo houvesse outras temporadas de danças, como o Carnaval, era só nesta época que Toni dançava com Ritinha. Nos outros meses, Toni era um funcionário exemplar. Trabalhava no Bar da Praia, levando a vida simples e pacata, passando as noites em casa e, com a precisão de um relojoeiro, ia melhorando as engrenagens da Ritinha para uma melhor performance nas próximas danças.

Ritinha se apresentava a cada ano com o olhar mais humano, o sorriso mais aberto e contagiante e os passos de dança mais ousados.

A fama de Ritinha ultrapassou as fronteiras do vilarejo. A cada ano vinham pessoas de todas as partes ver Ritinha e Toni dançarem as quadrilhas e outros forrós. O movimento da região aumentava muito nestas épocas. A feira de artesanato passou a vender, aos milhares, um casal de bonecos semelhantes a Toni e Ritinha. E os celulares pipocavam flashes em selfs ao lado do casal.

A fama aumentava e, nos meses de junho, a população do vilarejo triplicava. Até que três sujeitos esquisitos apareceram por lá e insistiram em dançar com Ritinha. Pressionado, Toni acabou cedendo e os olhos de Ritinha lacrimejaram. Quando ele foi pegá-la de volta, os três

sujeitos se puseram a gritar e fazer confusão. Por mais que os participantes da festa tentassem impedir, eles mostraram armas, ameaçaram Toni e fugiram levando Ritinha.

Desesperado, Toni tentou perseguir os arruaceiros, mas eles eram muito mais ágeis e assustaram a população com tiros para o ar e ameaças. Sem fôlego, Toni parou no meio da rua. E ficou ali, imóvel, debaixo da chuva fina que começara a cair.

Um grito ecoou e paralisou a festa. Toni acabara de perder sua alegria. Retornou para sua casa a passos lentos, como um boneco desengonçado carregando o peso da dor.

As festas de junho acabaram. Toni não trabalhou mais. Por mais que as pessoas do vilarejo quisessem ajudá-lo a construir uma nova Ritinha, ele só repetia que havia desligado os mecanismos e que Ritinha não iria mais dançar. Bandidos haviam levado a robozinha morta. Repetiu a frase até a madrugada em que entrou no mar e se afundou nele. Seu corpo foi resgatado dias depois em uma praia distante.



**Homenagem aos autores
voluntários que
comandam
os debates literários**

Ao Toque de Hermes

Autoria: Carla Ramos

Sabe, hoje acordei a pensar:

Será que tal como Midas, Hermes tem, também, o seu toque?

Apesar dos dois serem toques, tenha uma certeza.

Eles irão diferir muito, durante toda a sua existência.

Midas tem o seu toque para si, sendo egoísta;

Já Hermes tem o seu toque, para os outros, sendo bem altruísta.

O de Midas já se vê de longe, é casca, superficial, aparência;

Já o de Hermes só se vê bem de perto: é profundo, intenso, essência.

Midas nos toca com o dedo indicador em riste;

Já Hermes nos toca pelo Caduceu de Mercúrio que nos dá toda cura que existe;

Midas quando toca, deixa tudo vazio por dentro, fica só matéria;

Daí Hermes, logo vem, e libera o espírito cativo dessa esfera.

Todo toque nos dá algo, tem a sua preciosidade:
O de Midas dá o Ouro, só que é o dos Tolos.
Já o de Hermes nos dá o Ouro Interior;
O que sempre pertenceu a Nossa Alma, na verdade.

Todo toque se dá pelo olhar:
O de Midas é fixo, objetivo, sempre a nos controlar.
Enquanto o de Hermes é sereno, em calma, verde
da cor do mar.

Sempre um toque se dá, pelo estilo de quem faz.
O de Midas é possessivo, egoísta, inquisidor;
Enquanto o de Hermes é humano, terno e vem cheio
de amor.

Sabe de uma coisa que irei confidenciar, eles vivem
entre nós é bem possível identificar: Midas é pesado,
denso, sua pegada usa a terra para marcar. Já Hermes
é leve, longilíneo, e quando anda, parece até flutuar.

Midas quando toca, só transforma coisas aparentes, é
bem fácil enxergar;

Já Hermes se comunica por sinais, que só nossa
intuição, consegue captar.

Quando Midas toca, todo mundo vê: é barulho, é
estrondo, é urrar;

Já Hermes é bem sutil, e nos toca, pela brisa suave, nos ouvidos a sussurrar.

Lembra quando você escuta aquela música, sente aquele aroma, ou visita aquele lugar. Tem sensação que isso lhe preenche a Alma? É Hermes que vem lhe tocar.

Sabe todo mundo tem um pouco dos dois, é como tempero, disso já se conversa. Uma pitada mais de um, uma pitada menos do outro, e vice-versa. Já o tempero que tempera Midas, é bem comum, faz o seu temperamento. E para lidar com ele, realmente, nos causa muito tormento.

Já o temperamento de Hermes, é bem raro, tem em menor quantidade. E conviver com ele, é bem especial, lhes garanto de verdade.

Hermes é um Ser Iluminado, de intenso calor, tem luz própria a brilhar. Que a nossa visão assim, bem de perto chega até ofuscar.

Sabe não é mentira não; devo a vocês, até confessar.

Num dia desses, acredite só: Hermes até veio me encontrar.

Mas me sentindo muito humana, não merecedora, dessa dádiva.

Fugi com medo, de novamente, por ele, me apaixonar...

Mas será que por essa minha covardia, num momento de fraqueza, típica de seres se sentindo muito humanos, num dia desses, ele virá, novamente, me tocar? Será?

O Cubo Mágico da Morte

Autoria: Debora Gimenes

Carla abriu os olhos embaçados, a cabeça doía muito pela substância ingerida, provavelmente na bebida que o barman havia servido. Não acreditava que estava acontecendo com ela. Alguém a havia sequestrado.

Levantou-se devagar e começou a estudar o local com calma. Estava numa cela pequena, havia apenas uma cama de solteiro de alvenaria, uma pia e uma privada. O espaço devia ter no máximo três metros quadrados, não havia janelas, e nem portas na entrada, apenas uma passagem.

Uma bandeja com um bilhete, comida e bebida estava no centro da cela. Pegou o bilhete e leu com cuidado, várias vezes. Eram instruções.

Como e beba o conteúdo da bandeja, você vai precisar de suas forças físicas e do raciocínio lógico. Saia e conheça seus oponentes.

Carla deixou a cela e viu uma mesa com um grande cubo mágico no centro, rodeada por três pessoas entediadas. Duas ela conhecia muito bem: o namorado Júlio e o amigo de infância Alexandre, mas a outra menina, uma adolescente magrela e assustada ela nunca tinha visto.

— Puta que o pariu, ele pegou você também, minha esperança era que você desse falta de mim e acionasse a polícia. — Júlio levantou assim que viu a namorada e foi abraçá-la.

— Estamos ferrados Juju, falei para meus pais que íamos acampar depois da balada — a universitária escondeu o rosto entre as mãos pequenas e ossudas.

— E você garotinha, tem alguém que se importe com você? — Alexandre perguntou para a adolescente. Era claro que ela devia ter no máximo dezessete anos, usava um cropped solto na altura do umbigo e uma leggings justa, provavelmente infantil para assentar bem no corpo dela, já que as canelas ficavam a amostra.

— Papai é policial, deve estar me procurando — a voz era um sussurro e eles quase não puderam ouvir.

Com o fôlego preso, Carla olhou ao redor, buscando algo que desse pistas dos motivos pelos quais haviam sido sequestrados. Júlio, com os braços cruzados, parecia perdido em seus próprios pensamentos, enquanto Alexandre, ainda sentado, lançava olhares desconfiados ao redor.

— Isso não faz sentido por que nós? — choramingou Carla tentando entender o que estava acontecendo.

Um som metálico reverberou no ambiente, fazendo todos se sobressaltarem. Uma voz distorcida ecoou, vinda de algum lugar indeterminado:

— Bem-vindos ao desafio. Todos têm o mesmo objetivo: sobreviver. Vocês estão aqui para provar algo — continuou a voz distorcida, com um tom que misturava frieza e diversão cruel. — Cada um de vocês possui habilidades únicas, mas será que conseguem trabalhar juntos? A sobrevivência depende de mais do que força ou inteligência; depende de união e estratégia.

Todos se olharam incrédulos. Sentiram como se estivessem no filme Jogos Mortais. Assustada, Carla, começou a refletir sobre os perfis de cada pessoa ali presente. Era coincidência que todos pareciam possuir características únicas e habilidades específicas? Pensava. Júlio e ela compartilhavam uma paixão por esportes. Ambos eram

atléticos, acostumados a desafios físicos e a trabalhos em equipe, o que os tornava adversários ou aliados valiosos em qualquer situação que exigisse força e agilidade.

Por outro lado, Alexandre era o típico nerd. Desde a infância, ele demonstrara um talento impressionante para resolver problemas complexos e lidar com tecnologia. Era o tipo de pessoa que podia decifrar códigos, invadir sistemas e transformar um quebra-cabeça aparentemente impossível em algo solucionável. Sua mente analítica, porém, vinha acompanhada de uma atitude muitas vezes impaciente, violenta e arrogante.

Já a adolescente, Carla não imagina que habilidades ela poderia ter.

O som metálico voltou a soar, e uma luz azul pulsante iluminou o cubo mágico, Erica pegou o objeto nas mãos. Desta vez, a voz tornou-se mais específica.

— O desafio é simples: formar a sequência correta de cores no cubo mágico. Quando concluírem, uma pergunta será apresentada. Respondam corretamente, e todos viverão. Errem, e um de vocês morrerá.

O silêncio que se seguiu foi sufocante. Carla olhou para os outros, tentando captar alguma reação que indicasse coragem ou pânico. Júlio engoliu em seco, Alexandre passou a mão nervosamente pelos cabelos oleosos, e a adolescente fechou os olhos por um momento, como se buscasse força.

— As regras são: manter-se sentados em suas cadeiras enquanto resolvem o cubo mágico, só um de vocês deverá ser responsável pelo cubo e respeitem o tempo para resolver cada questão.

— Isso é um jogo insano! — exclamou Júlio, quebrando o silêncio. — Estamos brincando com as nossas vidas!

— Lembrem-se, erros têm consequências.

— Eu sou campeã no cubo mágico. — Antes que alguém pudesse reagir, começou a girar os blocos com rapidez. No mesmo instante um cronometro foi acionado e a ordem regressiva de 60 minutos começou a contar. Seus dedos eram ágeis, mas não havia lógica aparente em seus movimentos. Alexandre bufou, impaciente.

— Você nem sabe o que está fazendo! — Ele se levantou abruptamente, tentando agarrar o cubo das mãos dela.

— Não! — gritou a garota, segurando o cubo com força e recuando.

De repente, um alarme estridente soou. A cadeira onde Alexandre estava sentado emitia uma luz vermelha pulsante. Antes que ele pudesse entender o que estava acontecendo, uma descarga elétrica percorreu todo o seu corpo. Ele gritou, um som gutural e desesperado, enquanto seus músculos se contraíam de maneira violenta. Os outros jovens ficaram paralisados, horrorizados.

A adolescente agarrou o cubo novamente, seus olhos afiados como lâminas enquanto encarava o quebra-cabeça multicolorido. Suas mãos, pequenas e finas, se moviam freneticamente, os dedos dançando de bloco em bloco como se seguissem uma melodia invisível. Era quase hipnótico, o cubo girava em suas mãos cada movimento marcando um passo em direção ao desconhecido.

Sua respiração era curta e controlada, tão concentrada que parecia alheia ao mundo ao seu redor. O suor começava a brotar em sua testa, mas ela não parava. Cada movimento parecia ao mesmo tempo impulsivo e calculado, como se estivesse guiada por uma lógica que só ela compreendia. A

respiração pesada dos outros jovens, se misturava a dela, deixando o clima ainda mais tenso.

A luz azul pulsante refletia em seus olhos, criando uma aura quase sobrenatural ao redor dela. Por um momento, parecia que o destino de todos dependia apenas de sua habilidade, sua coragem e, talvez, de um instinto inexplicável. Mas enquanto ela avançava, a tensão acumulava-se como um peso impossível de ignorar. Cada movimento errado poderia significar o fim. E ela sabia disso.

Quase uma hora depois ela completou o desafio, uma buzina foi acionada e no telão surgiu a primeira questão: Qual a menor nação democrata que se tem conhecimento?

Carla levantou-se da cadeira eufórica.

— Eu sei, eu sei, eu sei... — ela deu uma sambadinha e sem debater com os colegas gritou — Nauru! Eu pesquisei isso para um trabalho de história.

— Sim, sim! Lembro de debatermos ...

— Não, Não — Erica gritava correndo pelo salão.

— Sua idiota, ele perguntou de nação, não de país, a menor nação democrata é o Vaticano... — Alexandre mal terminou de falar e uma flecha saiu da parede atingindo sua cabeça, a ponta de aço saiu pela outra extremidade pingando sangue e pedaços de cérebro.

Todos começaram a gritar, desesperados, uma campanha estridente e desconfortável começou a tocar e luzes acenderam e apagavam. A parede abriu-se e um pequeno contêiner com rodas entrou no lugar.

— Coloquem-no no carrinho — ordenou a voz metálica.

Com sacrifício os três colocaram o corpo do colega no carinho, as pernas ficaram para fora, mas antes que Júlio pudesse arrumar o amigo, o objeto saiu com o corpo, as paredes se fecharam.

A buzina tocou novamente e o tempo começou a contar, o desafio havia ficado mais difícil, eles teriam 45 minutos para resolver o outro lado do cubo mágico sem desmanchar o que estava pronto, Erica conseguiu, faltando 2 minutos.

— Opilião, pertence a qual classe Animalia?

— Que porra é um opilião? — Júlio desesperou-se.

O tempo corria, e eles não sabiam o que responder. Eles começaram a andar pelo salão, Carla chorava olhando para o sangue do amigo no chão, imaginando que ela poderia ser a próxima.

— Gente eu acho que é um cupim, o cupim é de qual classe – gritou Júlio.

— Ele é um inseto, mas eu não tenho certeza do que seja um opilião? — Falou Erica.

— Inseto, inseto seu idiota! — Júlio berrava desafiando a voz.

Uma bola maciça caiu do teto em cima da cabeça de Júlio, abrindo seu crânio, os olhos do rapaz projetaram-se para fora da órbita ocular, um deles chegando a ficar pendurado. Um líquido viscoso escorreu para fora.

Carla desmaiou!

A pequena caçamba entrou. Erica respirava com dificuldade, as mãos tremiam enquanto tentava erguer o corpo sem vida de Júlio. O peso parecia dobrado, não só

pela gravidade, mas também pela resistência emocional que a situação impunha.

Ela se ajoelhou ao lado do corpo, sentindo o piso frio, e a viscosidade do sangue contra seus joelhos, enquanto lágrimas silenciosas escorriam por seu rosto. Cada movimento parava em um soluço, e suas forças, já reduzidas pelo pânico e pela exaustão, lutavam contra o choque de encarar a morte tão de perto. Com um esforço monumental, ela segurou as pernas de Júlio, tentando ignorar os detalhes grotescos que a realidade insistia em mostrar.

Carla voltou a si. A visão de Erica lutando contra o peso morto de Júlio a atingiu como um raio. Com os braços trêmulos, ela tentou se levantar, apoiando-se no chão escorregadio, mas caiu novamente. Determinada, ela se ergueu com esforço.

— Erica... — chamou, a voz rouca e quase inaudível, enquanto dava passos hesitantes em direção à amiga.

A cena à sua frente era dura de encarar: o corpo sem vida de Júlio, o sangue que parecia se espalhar cada vez mais pelo chão, o rosto de Erica, marcado pela dor e pelo desespero, parecia mais de uma mulher de cinquenta anos do que de uma adolescente de dezessete. Enquanto o silêncio mórbido do salão envolvia tudo como um cobertor pesado. Carla ajoelhou-se ao lado de Erica, ignorando o sangue que manchava sua roupa, e pôs as mãos sobre os ombros da amiga.

— Nós... nós precisamos sair daqui — murmurou, tentando reunir palavras que fossem mais fortes do que o pânico que ainda pulsava em seu peito.

Erica, com os olhos vermelhos e marejados, olhou para Carla, buscando algum resquício de força na presença dela.

Juntas, sob um esforço que parecia impossível, começaram a erguer o corpo de Júlio. Cada movimento era uma luta contra o peso do cadáver e o peso de suas emoções. As duas, unindo forças, arrastaram-no para dentro da caçamba.

O tempo pareceu parar, como se o universo conspirasse para prolongar o sofrimento. Mas, por um instante, quando as mãos de Carla tocaram nas de Erica, havia algo mais ali: um fio de humanidade, uma conexão tênue que as mantinha em movimento. Mesmo sob o peso insuportável da realidade, elas se agarravam a esse elo invisível, como se não restasse mais nada.

Enquanto as duas lutavam para recuperar o fôlego, um som invadiu o salão, como engrenagens antigas sendo acionadas. A parede ao fundo, marcada por rachaduras e musgo, começou a se mover lentamente. O chão tremia sob seus pés, e o ar tornou-se pesado; parecia que o ambiente respirava como um ser vivo. Erica e Carla olharam para a abertura que se formava na parede, uma passagem estreita que parecia oferecer uma promessa de fuga.

— É nossa chance! — exclamou Erica, sentindo uma centelha acender em meio ao desespero.

Carla assentiu, mas seus passos eram vacilantes. Ambas se aproximaram da passagem, as mãos estendidas como se temessem que ela desaparecesse. Quando finalmente chegaram à borda, um ruído agudo, quase ensurdecedor, rompeu o silêncio. Do teto, lâminas começaram a descer em movimentos rápidos e imprevisíveis, criando uma barreira mortal entre elas e a saída.

Carla recuou instintivamente, o coração batendo como um tambor descontrolado.

— Eu não sei se conseguimos passar! — disse, sua voz tremendo e as palavras sendo picotadas.

— Nós precisamos tentar! Não temos outra escolha!
— Erica, com os olhos fixos na abertura e no mecanismo cruel que se movia diante delas, cerrou os punhos.

As lâminas giravam em ângulos caóticos, um verdadeiro labirinto de morte. O espaço entre elas era estreito, exigindo precisão e coragem. Erica avançou primeiro, calculando cada movimento, sua respiração irregular, os olhos analisando cada mudança na sincronia das lâminas. Uma delas passou tão perto que ela sentiu o vento cortante contra sua pele, mas sua magreza a protegeu.

— Rápido, Carla, é só me seguir, faça o mesmo que eu! — gritou Erica, já a meio caminho pela passagem. Carla hesitou, mas o olhar determinado de Erica foi suficiente para fazê-la seguir. Cada passo parecia durar uma eternidade, cada movimento um desafio para suas forças já esgotadas.

Quando finalmente chegaram à última lâmina, o chão sob elas começou a se mover — partes do piso deslizavam como placas de quebra-cabeça desmoronando, revelando um abismo escuro logo abaixo. Erica agarrou a mão de Carla com força.

— Não vamos cair! Essa parte é sólida. — gritou, seu tom uma mistura de pânico e determinação.

Com um último esforço, as duas alcançaram o outro lado da abertura, caindo no chão frio e úmido. Atrás delas, as lâminas pararam e o piso voltou ao estado original, como se o lugar tivesse decidido poupá-las por um capricho cruel. Erica e Carla estavam ofegantes, os corpos tremendo de adrenalina, mas vivas.

Carla percebeu que estava mortalmente machucada, as laminas haviam penetrado em seu corpo algumas vezes e o sangue jorrava em profusão. Nas costas e abdômen ferimentos que provavelmente havia atingido os órgãos fez com que ela caísse no chão frio. Uma gargalha metálica e horripilante surgiu vindo de todos os lados. Erica pensou no que qualquer um faria, correu pelo túnel, uma luz foi ficando mais forte e ele viu uma porta de vidro.

Ficou esmurrando e gritando até se cansar, se entregando ao medo e desespero. Desmaiou.

Erica acordou com o som distante de vozes, seu corpo pesado e sua mente envolta em uma névoa de confusão. O teto branco acima dela parecia agulhas frenéticas com uma luminosidade desconfortável. Lentamente, seus olhos focaram na figura de seu pai, sentado ao lado, com uma expressão que oscilava entre tristeza e preocupação. Ao lado dele, um homem de jaleco branco segurava uma prancheta e a observava com atenção.

— Erica, você está em segurança agora — disse o médico, com um tom calmo e controlado. — Você sofreu um surto psicótico muito severo. Mas estamos aqui para ajudá-la.

Surto? As palavras do médico ecoaram na mente de Erica enquanto ela lutava para conectar os fragmentos dispersos de suas memórias. Sua garganta estava seca, e ela tentou falar, mas sua voz saiu como um murmúrio fraco.

— Onde... onde estão meus amigos? — perguntou, o terror começando a brotar em sua voz.

O médico trocou um olhar com seu pai antes de responder, como se ponderasse a melhor forma de revelar uma verdade terrível.

— Erica, você estava em um estado de profunda dissociação. Durante o surto, você... — ele pausou, escolhendo cuidadosamente as palavras — feriu gravemente seus amigos. Infelizmente, eles não sobreviveram.

O mundo de Erica pareceu desabar. Uma onda de pânico e negação tomou conta dela, e seu coração disparou. As cenas caóticas da passagem com as lâminas, o piso desmoronando, e até o túnel com a luz pareciam tão reais, ou seriam apenas fragmentos de uma mente perturbada? Ela balançou a cabeça, recusando-se a acreditar.

— Não! Não pode ser verdade! — gritou, tentando se levantar, mas seu corpo estava fraco demais.

Seu pai se ajoelhou ao lado dela, lágrimas escorrendo pelo rosto. — Erica, você está doente. Eu estou aqui. Nós vamos superar isso juntos.

Enquanto o médico continuava tentando explicar os sintomas do surto, as alucinações e a desconexão da realidade, Erica sentiu seu mundo quebrar em pedaços irreparáveis. Os rostos de Carla, Júlio e Alexandre, pessoas que ela agora sabia que não veria mais, pareciam flutuar diante dela, misturados com as imagens distorcidas que sua mente criara.

— Eu vi as lâminas... o túnel... foi real — murmurou, lágrimas escorrendo enquanto sua mente tentava desesperadamente encontrar algum fio de lógica.

— Não foi real, mas agora que sabemos o que aconteceu, podemos começar a trabalhar em sua recuperação. — O médico continua a preencher a ficha enquanto conversava com ela, sem sequer tirar os olhos da prancheta.

A sala parecia se fechar em torno de Erica, e ela sentiu o peso esmagador da culpa e da dor. Enquanto seu pai

segurava sua mão, prometendo que ela não estaria sozinha, Erica percebeu que sua luta estava apenas começando, uma luta não contra lâminas ou abismos, mas contra os demônios de sua própria mente.

Olhou para o lado e percebeu um cubo mágico com os seis lados completos.

As fronteiras das palavras

Autoria: Michelle Louise Paranhos

Há fronteiras para as palavras?

Quando me pediram uma crônica sobre isso, pensei em mapa. Fronteira costuma ser linha no chão, divisa entre países, soberania com carimbo.

Mas a fronteira é também onde o conhecimento para. É a borda entre o que sabemos e o que ignoramos. A ciência tem fronteira. O pensamento também.

Porque as palavras não são as coisas. São mapas. E, como dizia Korzybski, o mapa não é o território.

Não são os fatos que nos doem, ensinou Epicteto. São os nomes que damos a eles. Chame de “tragédia” ou chame de “desafio”. A experiência muda, embora o fato seja o mesmo. A palavra não tem sentido próprio. É acordo, contexto, época.

Por isso as fronteiras das palavras são móveis. Cruzam geografias e pegam sotaques novos. Cruzam ideologias e viram campo de guerra.

Veja o “criado-mudo”. Dizem que veio do inglês *_dumbwaiter_*, garçom mudo. Mesa de apoio do século XVIII. “Criado” do latim *_creātus_*, servir. “Mudo” de *_mūtus_*, que não fala. Móvel silencioso.

Mas veio a lenda urbana: escravo imóvel ao lado da cama. A palavra ganhou outra fronteira, ética, histórica. E a rede social pegou fogo. Hoje empurram “mesa de cabeceira” pra cima do criado-mudo, como se trocar o mapa apagasse o território.

Aí penso: como uma sociedade que se diz aberta à diversidade de pensamento se rende tão fácil às fronteiras do pensamento? Trocamos a palavra, mas mantemos o muro.

Palavras esbarram. Ultrapassam. Às vezes batem e voltam.

O problema nunca foi o móvel. É o que a gente decide ver quando lê a placa na fronteira.”

O Poder De Semear A Literatura, Está Nas Nossas Mãos

Autoria: Ironi Jaeger

A palavra literatura não é uma palavra composta, porque não resulta do processo morfológico mediante o qual se associam palavras ou radicais (cf. Dicionário Terminológico, B. 2.3.2.).

Penso comigo: que palavra estranha essa, que vem do latim “litteris” que significa “Letras”, e possivelmente uma tradução do grego “grammatikee”. Ser escritor é tão especial assim?

Podemos analisar a palavra literatura de muitas formas, podemos até contratar especialistas para ter uma definição douda da palavra, mas do que nos adianta saber definir a palavra se não soubermos como espalhar literatura?

Semear

Quando estamos focados em espalhar a semente da literatura, não precisamos nos preocupar tanto com o significado da palavra em si, mas deixar que os leitores definam a alegria de colher as sementes que estamos lançando.

Assim, a semente lançada, promoverá colheita, porém jamais devemos nos orgulhar de colher os frutos daquilo que não semeamos.

Nossos leitores, ao colher o fruto da nossa “semeação”, não reparam no poder de semear, consideram muitas vezes este ato quase nulo.

E nós escritores, na ânsia de semear, descuidamos das sementes, e a ansiedade pela colheita tem feito com que muitos desvalorizem o poder de semear.

Significado de Semear

Lançar sementes na terra para germinar: semear os campos. Buscar resultados; colher: trabalhar.

Derramar aqui e ali; espalhar: semear benefícios.

Dispor sem ordem; entremear: Fazer divulgação, divulgar, propagar, alastrar.

Podemos semear o bem, semear intrigas, boatos, cadáveres pelo campo de batalha, mas nunca podemos esquecer de que quem semeia ventos colhe tempestades. Ou de que, quem causa um mal será vítima de males maiores.

O ato de semear deve ser feito com amor, deve ser um prazer, pois ele traz a certeza de que semeando estamos no caminho certo para a colheita.

Semear as palavras deve ser o nosso objetivo, para que o leitor encontre bons frutos. Este é o caminho para o sucesso.

Aprendendo a Semear

Toda nossa vida é baseada naquilo que plantamos e colhemos. As sementes são diversificadas como ações, tempo, amor e ódio.

Tudo que fizermos, colheremos os devidos frutos.

Os semeadores de palavras passam por pressão, muitos desistem, outros acabam se isolando e esmorecendo. Porém, é em momentos como esses que devem continuar semeando.

Não permita que o espírito de competitividade entre em cena.

Não inveje o sucesso dos colegas, mas celebre e honre àqueles que já chegaram ao topo.

Comedor de Sementes

Não seja um “comedor de sementes”.

Semear é a prova de que a ganância foi vencida. A ganância é a ânsia por ganhos altos, avidez, cobiça, cupidez. O remédio para ela é a generosidade.

O não querer ter é egoísmo, pois não temos apenas para nós mesmos, visto que recebemos o dom da escrita, não porque somos melhores que outros, mas para tocar outras vidas com o nosso dom.

Quando um leitor colhe a semente que plantamos ele pouco se importa do quanto ela custou para nós.

O ato de semear não se trata de receber o que se deseja, mas de produzir as sementes para o futuro.

Não somos o mendigo que implora, somos os que ofertam as palavras, somos doadores, somos investidores.

O ato da sementeira nos ensina que semear e colher é uma lei. Que funciona como a lei da gravidade e tantas outras leis naturais.

Então Continue Plantando

Alguns tem recompensas visíveis, já outros ainda não colheram seus frutos.

Apenas devemos semear, independente de quando colheremos os resultados.

Cuide para que sua prosperidade não destrua sua generosidade.

“O que você semeia no presente é mais do que suficiente para criar seu futuro”.

Não hesite em continuar semeando as palavras, independente do que farão com o seu plantio, continue, pois a sua colheita virá. Se você semeia, ilumina vidas, viva cada dia pensando em dar algo de bom para a humanidade. Não importa o meio, apenas semeie.

A semente sai de nossas mãos, porém não de nossas vidas; ela trabalha. Ela mantém o ciclo mesmo nas mudanças de estações ou das terras mais secas.

Se plantarmos, colheremos.

Escritos com Emoção

Autoria: Nell Morato

A emoção com que escrevemos um texto ou poesia pode ser sentida por quem lê. Às vezes é tão forte, tão intensa a paixão, que nos transportamos para dentro do texto, e o que brota de nossa alma se mostra tão arrebatador que não desejamos mais voltar. Ficar para todo o sempre no encantador mundo mágico do nosso âmago, como num paraíso multicolorido.

Estou aqui percorrendo como escritora e também leitora. Fui arrebatada por uma simples frase, que à época era a frase mais linda do universo, e fiquei completamente envolvida por ela. Estava na página da Chiado Editora procurando algumas frases para compartilhar e, de repente, meus olhos a encontraram. Li e reli várias vezes. A imagem de um casal, só aparecia o rosto e parte do tronco, ela deitada e ele, no sentido contrário, com as duas mãos segurando a cabeça da mulher, os lábios próximos de sua orelha esquerda, a lhe perguntar: “De quantos homens precisastes para saberes que és minha?”, por Pedro Chagas Freitas.

E dali eu não conseguia sair, continuava lendo e relendo, e me perguntando: quem é Pedro Chagas Freitas? Procurei na página e não consegui descobrir quem era. Deixei um comentário: “Quem é Pedro Chagas Freitas?” E compartilhei a frase e a imagem sugestiva. Estava verdadeiramente encantada pela simples frase.

A emoção que ela continha era tão intensa que me tomou de assalto. E por vários dias não saiu da minha cabeça, até que finalmente descobri quem era Pedro Chagas Freitas. Poeta português, intenso, diz ele que o seu fio condutor é o amor. E como escreve com paixão e emoção, não é à toa que tem um verdadeiro séquito de fiéis seguidoras, acredito até que algumas delas estejam ou já estiveram apaixonadas por ele.

E na página do poeta eu me perdi. Perdi-me na louca paixão de seus escritos. Pedro Chagas Freitas escreve sobre o amor e o sexo com naturalidade, sem medo de ser feliz, de uma forma intensa e arrebatadora. A cada leitura experimento uma emoção diferente, intensa, e me transporto inteira para a pequena frase de gigantesco sentido.

Dois outros poetas que me emocionam é o Diego Brum, meu jovem amigo gaúcho que escreve como um veterano, e o outro, meu amigo Mário Corredor, que também tem um fã clube de fazer inveja a qualquer Dom Juan. A maneira de escrever é diferente, um fala de um amor verdadeiro, suave e doce e o outro, é sedutor e às vezes abusado. Mas a emoção é real e já me senti como a protagonista de várias poesias deles. Impossível não se emocionar.

Tem também o Poeta do Silêncio, que me mostrou a poesia de uma maneira especial, lida em voz alta ao som de uma música eletrizante... E é um capítulo à parte e foi tema do meu texto anterior na Revista Divulga Escritor.

Algumas vezes, quando estou passeando no Facebook, curtindo, lendo poesias, comentando... Sou literalmente derrubada por alguma frase, pensamento ou poesia. Às vezes, você lê uma frase com meia dúzia de palavras que arrebatam a sua emoção. Outras vezes, uma poesia com muitos versos e não lhe diz absolutamente nada.

Para escrever, muitas vezes eu preciso criar o clima... Uma música, um pensamento e mergulho dentro de mim, no meu paraíso, e sigo em busca de lembranças... A escrita vai fluindo... E, sem perceber, vou escrevendo sobre amor e desejo e faço parte do cenário, daquele amor, daquela vida e estou sentindo o que descrevo... Ao despertar, a realidade parece vazia e assustadora. Algumas eu escrevi chorando, tanto que mal podia enxergar o computador. Tanta emoção e tanta dor, e a poesia absorveu tudo e as lágrimas secaram.

É tão intenso e verdadeiro que algumas pessoas confundem o “eu-lírico”, que é um ser imaginário e sem existência real, com o homem por trás do poeta, causando alguns inconvenientes. Refiro-me aqui aos poetas/homens, por ouvir desabafos de amigos, que frequentemente são “assediados”. O poeta é o autor do poema e não o “eu-lírico” que “fala”.

A cada dia sinto que está mais fácil escrever. Muitas lembranças de uma vida feliz, todas aflorando ao mesmo tempo, eu fui menina e de repente já sou mulher e os pensamentos acabam ficando desordenados.

Estou em constante aprendizado e trabalhando a emoção de poder transferir meus sentimentos para meus escritos, coordenando com o conteúdo do meu “baú de recordações”.

O texto foi escrito há alguns anos, quando eu me envolvi com a poesia e poetas sem fronteiras... Conheci poetas portugueses, que costumam versejar com muita emoção, arrebatando corações apaixonados ou envoltos numa angústia sem fim. Também conheci poetas brasileiros, um gaúcho e um fluminense, que me encantaram com seus versos. E outros da França e Alemanha, além dos renomados que leio de vez em quando.

Os versos que atravessam as fronteiras dos países e do tempo, encurtam a distância pela conexão da internet e a constatação de que as palavras, os versos e a literatura viajam pelo mundo e com muitas escalas. Os idiomas se misturam e a poesia encanta em linguagens concretas ou subjetivas.



FLAL – Festival de Literatura e Artes Literárias

FLAL Show Internacional

14ª Edição: Palavras sem Fronteiras

De 23 de março a 30 de abril de 2026

CONCURSO DE TEXTOS ANÔNIMOS

TEMA: As palavras que viajam pelo mundo

CONTOS, CRÔNICAS e POESIAS

Equipe FLAL
www.flalfestival.org
Irenei Jaeger / Nell Morato

